



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIANIA
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

Maria Fatima de Mesquita

**CONSTITUIÇÃO DO MICROCAMPO RELIGIOSO NA CIDADE ESTRUTURAL/ DF
– Estudo de Caso**

GOIÂNIA

2016



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIANIA
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

Maria Fatima de Mesquita

**CONSTITUIÇÃO DO MICROCAMPO RELIGIOSO NA CIDADE ESTRUTURAL/ DF
– Estudo de Caso**

Dissertação desenvolvida em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito para qualificação do título de mestre.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Rogério R. Passos

GOIÂNIA

2016

M582c

Mesquita, Maria Fatima de

Constituição do microcampo religioso na cidade estrutural/DF[
manuscrito]: estudo de caso/ Maria de Fatima Mesquita.--
2016.

76 f.; il. 30 cm

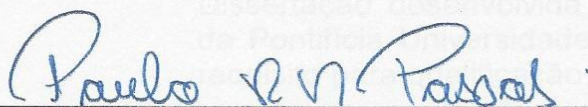
Texto em português com resumo em inglês
Dissertação (mestrado) -- Pontifícia Universidade
Católica de Goiás, Programa de Pós-Graduação Stricto
Sensu em Ciências da Religião, Goiânia, 2016
Inclui referências f.70-72

1. Bourdieu, Pierre, 1930-2002. 2. Weber, Max, 1864-1920.
3. Religião e sociologia. 4. Comunidades religiosas
- (subd. geog.). 5. Religiosidade - Aspectos econômicos
- Brasília (DF). I. Passos, Paulo Rogério Rodrigues.
II. Pontifícia Universidade Católica de Goiás. III. Título.

CDU: 2:316.74(043)

**CONSTITUIÇÃO DO MICROCAMPO RELIGIOSO NA CIDADE
ESTRUTURAL – DF: UM ESTUDO DE CASO**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO DEFENDIDA E
APROVADA PELA BANCA EXAMINADORA EM 14 DE JUNHO DE 2016



Prof. Dr. Paulo Rogério Rodrigues Passos / PUC Goiás
PUC Goiás (Presidente)



Prof. Dr. Nildo Silva Viana
UFG



Prof. Dr. Clovis Ecco
PUC Goiás

Prof. Dr. Eduardo Gusmão de Quadros
PUC Goiás (Suplente)

Dedico este trabalho à memória de meu pai, Sr. Miron, sua lembrança ficou tão viva em meu pensamento quando o concluí que me fez lembrar a importância de ouvir e respeitar as pessoas, não importando seus credos, nem religião, seja católico, seja protestante ou qualquer outra denominação religiosa, não importa. Todos são filhos de Deus.

Meus agradecimentos

... Primeiramente, a Deus, meu criador, redentor e salvador. E a Santíssima Virgem Maria, por terem suscitado em mim o desejo de adentrar nesse “universo pentecostal” para compreender e respeitar, meu muito obrigado!

... Aos meus pais: Senhor Miron e D. Odete que me fizeram cristã.

... Ao meu Orientador Prof. Dr. Paulo Rogério R. Passos, por sua disponibilidade, amizade, confiança e respeito, no desenvolvimento do trabalho.

... Aos colegas de trabalho, gostaria de citar todos os nomes, mas, elegi esses, pois foram mais presentes ao longo do curso: Gê, pelo seu empenho para minha assiduidade às aulas; Adeli, Cláudia, Cris e Saman na torcida e incentivo durante as adversidades surgidas ao longo dessa trajetória e conclusão.

... Aos irmãos Vicentinos da Catedral Militar Rainha da Paz, que não deixaram de me acompanhar nesta caminhada.

... A minha amiga Rosália Rocha, pela sua paciência, disponibilidade e competência na correção e formatação deste trabalho.

... E a todos que de forma direta ou indireta contribuíram para a conclusão deste curso.

“...Deus, nosso Salvador, que quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade”. (1Tim 2,3-4).

RESUMO

O presente trabalho apresenta um Estudo sobre a constituição do microcampo religioso na Cidade Estrutural/DF. Para sua concretização foram realizados levantamentos sócio-histórico da Cidade com seus recursos comunitários existentes, número de habitantes, escolaridade e ocupação laboral predominante. Foi observado o perfil religioso da população e sua prática regular. Na tentativa de compreender a predominância religiosa, é feita uma discussão teórica a partir das Afinidades Eletivas de Max Weber e Campo religioso de Pierre Bourdieu, tencionando compreender o campo religioso local: entre o espiritual e o material. E por fim é apresentado um relato descritivo da precariedade socioeconômica como instrumento religioso de compensação social.

Palavras-chave: Cidade Estrutural. Campo religioso. Afinidades eletivas.

ABSTRACT

This paper presents a study on the establishment of religious microcampo in Estrutural City / DF. For its realization were carried out socio-historical surveys of the city with its existing community resources, number of inhabitants, education and labor predominant occupation. The religious profile of the population and its regular practice was observed. In trying to understand the religious predominance, it is made a theoretical discussion from Elective Affinities of Max Weber and religious field of Pierre Bourdieu, intending to understand the local religious field, between the spiritual and the material. Finally, we present a descriptive account of socioeconomic precariousness as a religious instrument of social compensation.

Keywords: Estrutural City. Religious field. Elective Affinities.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1: Responsáveis por Domicílios Segundo a Escolaridade.....	23
Gráfico 2: População segundo a condição de estudo	24
Gráfico 3: População Segundo a Religião Declarada	26
Gráfico 4: População Segundo a Frequência Religiosa	27

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABC – PRODEIN - Associação Benéfica Cristã Promotora do Desenvolvimento Integral

APP - Área de Preservação Permanente

CLDF - Câmara Legislativa do Distrito Federal

CNPJ - Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica

CODEPLAN - Companhia de Planejamento do Distrito Federal

COPEV-DF - Conselho de Pastores Evangélico do Distrito Federal

DER-DF - Departamento de Estradas e Rodagem – Distrito Federal

EIA/RIMA - Estudo de Impacto Ambiental e Relatório de Impacto Ambiental

EPCL - Estrada Parque Ceilândia

EPIA - Estrada Indústria e Abastecimento

EPTC - Estrada Parque Contorno

IPVA - Imposto sobre a Propriedade de Veículos Automotores

IPTU - Imposto Predial e Territorial Urbano

ISS - Imposto Sobre Serviços

ITR - Imposto sobre a Propriedade Territorial Rural

IR - Imposto sobre a Renda

IOF - Imposto sobre Operações Financeiras

PDAD - Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílio

PEDAD – Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílio

PNRS - Política Nacional de Resíduos Sólidos

SCIA - Setor Complementar de Indústria e Abastecimento

SAI - Setor de Indústria e Abastecimento

SLU - Serviço de Limpeza Urbana

ZEIS - Zona Especial de Interesse Social

ZHISP - Zona Habitacional de Interesse Social Público

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. HISTÓRICO DA VILA ESTRUTURAL	18
1.1 Formação e Origem da Vila Estrutural	19
1.2 A Vila Estrutural Hoje com sua Característica Populacional	21
2. DISCUSSÃO TEÓRICA DO OBJETO DE PESQUISA A PARTIR DE MAX WEBER E PIERRE BOURDIEU	31
2.1 Afinidade Eletiva.....	31
2.2 Campo Religioso	38
2.3 O Trânsito Religioso Local: entre o espiritual e o material	45
3. A PRECARIEDADE SOCIOECONÔMICA COMO INSTRUMENTO RELIGIOSO DE COMPENSAÇÃO SOCIAL.....	58
CONSIDERAÇÕES FINAIS	70
BIBLIOGRAFIA	75
ANEXOS	77

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como proposta apresentar o resultado do Estudo do Microcampo religioso na Cidade Estrutural – DF, levando em conta que Brasília concentra o maior número de segmentos religiosos do País e a Cidade Estrutural, hoje cidade satélite e objeto deste estudo acompanha esta tendência, pois nessa pequena região administrativa se concentra a maior quantidade de segmentos religiosos do Distrito Federal.

Estes segmentos religiosos da Cidade Estrutural foram surgindo concomitante à ocupação ilegal e desenfreada da área, por pessoas oriundas dos mais variados lugares do Distrito Federal e entorno para esta localidade onde antes era apenas um aterro sanitário.

Com o desenvolvimento/crescimento populacional nos arredores deste aterro foi impossível não reconhecer legalmente o local como região administrativa e para o atendimento das necessidades dos moradores da localidade os serviços públicos foram instalados garantindo: segurança, saúde e educação à população. Este reconhecimento Legal como uma Cidade, carrega o estigma da ilegalidade, uma vez que a região era considerada área de preservação ambiental e não se destinava a ocupação habitacional.

A CODEPLAN – Companhia de Planejamento do Distrito Federal, por intermédio do PDAD – Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílio, vem revelando um crescimento considerável na região, mas neste estudo é dada ênfase a característica da população com sua taxa de crescimento e predominância sexual, tipo de domicílio além do percentual de escolaridade. Foi dada importância ainda à proveniência dos moradores com destaque para os Estados de origem migratória.

Foi levado em consideração o perfil socioeconômico da população local, onde se atentou na pesquisa a prevalência das atividades remuneradas exercidas por seus habitantes, bem como a renda domiciliar e per capita. Por último e não podendo nem devendo passar despercebido, pois é tema da problemática central do referido estudo, a questão religiosa e sua hegemonia pentecostal onde ficou clara a existência de mescla nas escolhas.

O Campo religioso é vastíssimo, hoje a comunidade concentra uma quantidade considerável de segmentos pentecostais que gira em torno de 250 entidades das mais variadas denominações e tendências. E a cada dia uma igreja/templo é aberta, fechada, negociada, percebe-se dessa forma uma flutuação imensurável nesse mercado que oferece muitas opções para o “crente passeador” escolher e professar a sua fé. E como todo campo este representa também um espaço simbólico no qual os confrontos legitimam as representações.

Dentre os segmentos religiosos, está a Associação Beneficente Cristã – PRODEIN (ABC PRODEIN), entidade católica de origem estrangeira, composta por Padres, Freiras e Leigos, que foi designada pelo Arcebispo de Brasília para se instalar no local e Paróquia Bom Pastor ambas ligada a Arquidiocese de Brasília.

A quantidade de segmentos associado à diversidade na denominação tem explicado e justificado os mais diversos interesses, tendo em vista a precariedade socioeconômica e cultural de seus habitantes. Weber em seus conceitos de Afinidades Eletivas deixa claro que o indivíduo escolhe ou elege aquilo que corresponde ao seu interesse, seja ele material ou não, basta que sua necessidade encontre afinidade naquilo que estão ofertando.

É comum as pessoas frequentarem várias igrejas ao mesmo tempo. Daniëlle Hervieu-Lèger, em “O Peregrino e o convertido” denomina este fenômeno de “bricolagem de crenças”, quando nos traz a trajetória do “crente passeador”. Em ambos os casos podemos aplicar tanto para o fiel quanto para o pastor.

Neste Microcampo religioso existem seus confrontos e suas tensões que são inerentes a todo campo seja ele político, cultural ou religioso, que Bourdieu (1998) definiu como “espaço social estruturado por meio de diferentes posições, com propriedades particulares e cuja dinâmica depende dessas posições para se manter, independentemente de quem as ocupe” Em Religião e Construção de Mundo, Berger afirma: “toda sociedade é um empreendimento de construção de mundo, onde a religião ocupa um lugar destacado neste empreendimento”.

A Cidade Estrutural não tem fugido a essas premissas, pelo contrário, vem perseguindo-as e ao mesmo tempo procurando encontrar respostas para as suas inquietações.

Diante desta realidade o que resta é não perder de vista o que fez/faz esta cidade ser, segundo o Conselho de Pastores Evangélicos do Distrito Federal, a maior detentora de segmentos religiosos no DF. Para tanto nos resta questionar: o que justifica tantas igrejas, tantos segmentos? Qual sua demanda? O que oferecem? Qual intenção da oferta? O ambiente é propiciador ou não passa de mero acaso?

Na tentativa de alcançar respostas a estes questionamentos lancei mão da pesquisa participante, pois ela “começa por reconhecer que há uma relação estreita entre ciência social e intervenção na realidade com vistas a promover a superação das dificuldades de um determinado grupo social. Isso significa dizer que a ciência não é o fim em si mesma, mas um instrumento de questionamento sistemático para a construção do conhecimento do cotidiano e do destino humano”. (Minayo,2004).

A escolha se deu ainda devido a sua riqueza na forma de se obter o que se pretende alcançar, dado seu caráter participativo, pois, promove ampla interação e envolvimento entre o pesquisador e os membros representativos da situação do caso a ser estudado, estabelecendo uma situação de troca.

A pesquisa participante requer uma opção relacionada à cumplicidade entre pesquisador e sujeito pesquisado; para realizá-la, é necessário ter como ponto de partida a clareza de que os sujeitos podem efetivamente ser parceiros, contribuindo para a construção do conhecimento no espaço da pesquisa. Essa opção contrapõe-se a ideia de que os sujeitos são meros informantes, cuja participação se reduz à tão somente transmissão de informação. (Méksenas, 2007).

Para que a pesquisa fosse exitosa, dado seu caráter participante, as abordagens aconteceram em Encontros promovidos pelo Conselho de Pastores, em Reuniões extraordinárias de pastores e fiéis, em cultos e também em Reunião de mulheres, específica de determinado segmento. Essa atividade é semanal e ocorre em local variado, pois acontecem nas casas destas.

O trabalho será desenvolvido em três capítulos: o primeiro apresenta o cenário histórico cultural da Cidade Estrutural, com sua ocupação inicial nos arredores do Aterro Sanitário do Distrito Federal, onde pequenos núcleos de catadores de lixo foram se formando e alinhando seus barracos para moradia. No

início da década de 90 se contava com pouco menos de 100 domicílios ao lado do Lixão e algumas chácaras onde seus moradores cultivavam hort fruit. Mas aos pouco as invasões foram tomando um vulto de difícil controle governamental até ficar conhecida como a “invasão da Estrutural”, invasão esta que mais tarde se transformou em cidade administrativa e com esta nova condição a característica da população sofreu alteração, passou a não ser mais predominantemente de catadores de lixo, embora ainda exista estes profissionais exclusivo da reciclagem e ainda outros façam biscate no local quando a necessidade obriga, devido a desemprego ou a renda não está sendo suficiente para honrar os compromissos individuais ou familiar. É dado ênfase também o grau de escolaridade da população, onde mais de 50% não possui o ensino fundamental completo e boa parte da população jovem está fora da escola 65,94%, ou seja, uma cidade onde a educação não está sendo privilegiada. Por fim é enfatizado a religiosidade da população, que ao longo dos anos vem apresentando alteração significativa na opção e/ou orientação religiosa. É levado em consideração a participação nos cultos religiosos onde também se percebeu alteração em relação a frequência. Além da religiosidade é apresentado ainda a forma como se organiza a cidade com seus recursos institucionais e sócio culturais.

O segundo apresenta discussão teórica do objeto da pesquisa ancorada nas teorias dos estudiosos Max Weber e Pierre Bourdieu e o Campo religioso local: entre o espiritual e o material.

De M. Weber são utilizados os conceitos de Afinidades eletivas, que embora não a tenha definido, deixou algumas pistas sobre o seu “funcionamento”, quando dois elementos – por exemplo, um sistema social e um “espírito” cultural – estão ligados por um “grau de adequação” particularmente elevado e entram em relação de afinidade eletiva, eles se adaptam ou se assimilam reciprocamente, até que, finalmente o desenvolvimento de uma íntima e sólida unidade se instauram. Indo ao encontro daquilo que Bourdieu conceitua como Campo, seja ele político ou religioso, mas um espaço social estruturado com propriedades particulares (...) onde a religião funciona como um sistema de estruturação, pois constrói a experiência ao mesmo tempo que a expressa. Nesta construção o poder religioso vai demonstrando que a manutenção da ordem simbólica contribui diretamente para a manutenção da ordem

política. Mas este conceito não está isento de tensões e de lutas por poder dentro de cada campo. Neste microcampo que é a C. Estrutural foi possível encontrar essas tensões, por parte da Igreja católica, ou seja, entre as duas paróquias existentes, correspondendo ao que Bourdieu (1998) afirma que a igreja visa conquistar ou preservar um monopólio mais ou menos total de um capital de graça institucional ou sacramental, neste caso, a paróquia. Já em relação aos outros segmentos, pelo contrário, existe uma relação amistosa, onde é rotina promoverem encontros para trocas de experiências e discussões de projetos futuros.

No que se refere ao campo religioso local: entre o espiritual e o material, não tinha como não me reportar a P. Berger (1985), quando afirma: “a religião ocupa um lugar destacado em toda sociedade, pois é um “empreendimento” humano onde se estabelece um cosmos sagrado, esse cosmos que transcende e inclui o homem na sua ordenação, fornece o supremo escudo do homem contra o terror da anomia. E ainda: “a religião foi historicamente o instrumento mais amplo e efetivo de legitimação, e esta serve para manter a realidade que está definida numa coletividade humana particular, no qual os homens existem nas suas vidas cotidianas”. As premissas se tornam verdadeiras na Estrutural, pois nesta pequena cidade se concentra o maior número de segmentos religioso, segundo o Conselho de Pastores Evangélico do Distrito Federal, local que tem pouco menos de 11 anos de existência oficial.

Seus dirigentes (pastores), são pessoas comuns e boa parte sem qualquer formação que os gabarite para o ofício que se destinam, embora todos sem exceção, digam está respondendo a um chamado, mas não esclarecem o por quê nem o para quê. São pessoas reminiscentes de outros segmentos, nascidas em famílias católicas (a maioria), que no decorrer da vida abandonaram ou nunca seguiram a religião de tradição familiar. Se sentem livres para “disseminarem” suas crenças e se conformam cada vez menos com os modelos estabelecidos.

Desta forma e de acordo com o crescimento da cidade, o número de segmentos só vem aumentando. O que ocorre é o que Hervieu-Léger (2008) denominou de “bricolagem de crenças”, uma individualização e liberdade na dinâmica de construção dos sistemas de fé. Ou mesmo: “crenças relativas, novas elaborações sincréticas: a religiosidade vagante”.

E para finalizar o estudo temos “A precariedade socioeconômica como instrumento religioso de compensação social. Iniciamos este capítulo discorrendo de forma breve sobre a teoria dos mundos, onde os países eram classificados e subdividido de acordo com sua grandeza econômica, essa teoria logo logo caiu em desuso e passou-se a usar o termo de países desenvolvido ou subdesenvolvido. Atualmente com a globalização tornou se obsoleta essa divisão porque há uma parte da população que dispõe dos mesmos padrões de consumo do primeiro. A cidade Estrutural se encaixa nesta teoria e também nas expressões posteriores. Ela seria um quarto mundo a meu ver, pois se encontra colada nesse mundo considerado primeiro que é o Plano Piloto. Fica claro no decorrer deste capítulo a discrepância, quando é dado ênfase ao IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) da Cidade Estrutural em relação as outras localidades próximas como Lago Sul e Norte, Plano Piloto dentre outras. Como diz Cristóvam Buarque: “o sistema global produz pessoas descartáveis, que passam a viver do descarte do consumo (...) o descarte social e o descarte do consumo se unindo, um vivendo do outro”. Embora e apesar dessa condição o homem é capaz de superar as adversidades, mesmo vivendo de forma precária e em condições inóspitas e de aridez social e cultural.

É neste capítulo que é apresentado o retrato do microcampo e se encontra as respostas das indagações a respeito da problemática estudada, podendo assim, conhecer parte do como funciona a Cidade Estrutural com seus segmentos religiosos, de que forma foram germinando e se disseminando. Por ser um ambiente desprovido de recursos sociais e de lazer, dentre outros entretenimentos, a Cidade Estrutural se tornou um ambiente propiciador para a “conversão”.

1. HISTÓRICO DA CIDADE ESTRUTURAL

Em 1960, Juscelino Kubitschek inaugurou Brasília. Exatos 10 anos depois teve início a ocupação irregular das áreas vizinhas ao aterro controlado do Jockey Clube, mais conhecido como o Lixão do Jockey.

Eram apenas cerca de 130 pessoas que tiravam do lixão o seu sustento. Moravam em cabanas erguidas com materiais encontrados no próprio aterro e, se por um lado estavam muito próximos do lixão, pelos outros dois lados estavam muito próximos a uma imensa extensão do cerrado e a um cristalino córrego – respectivamente o Parque Nacional de Brasília e o córrego Cabeceira do Valo.

A combinação dos três elementos – urbanização informal área verde e recursos hídricos – estavam destinados a gerar problemas para “todo mundo”.

Em pouco tempo, o pequeno núcleo de catadores de lixo se transformou em uma das maiores invasões da capital. A Cidade Estrutural passou dos 35 mil habitantes, seus moradores começaram a chamá-la de cidade. Uma cidade vermelha até pouco tempo atrás: a terra seca que tomava conta das ruas sem asfalto tingia pessoas, objetos e casas com inconfundível cor da carência da infraestrutura.

Mas não foi apenas o incômodo causado pelas ruas de terra que marcou a história da Estrutural. O processo de ocupação irregular gerou condições favoráveis para uma escalada de violência. A Polícia Civil do Distrito Federal contabilizou nos últimos dez anos, 7,7 homicídios para cada dez mil habitantes da Cidade. A imagem da cidade causava danos aos seus moradores.

A mudança no curso histórico da Cidade Estrutural foi possível graças a uma série de ações integradas e multisetoriais empreendida pelo Governo do Distrito Federal, pelo Governo Federal e financiada pelo Banco Mundial¹. Essas ações,

¹. **Banco Mundial** é uma Instituição financeira internacional que fornece empréstimos para *países em desenvolvimento* em *Programas de Capital*. Ele começou a partir da criação do Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD) nas Conferências de Bretton Woods, em 1945 junto com o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o acordo Geral de Tarifas e Comércio (GATT). Os planos de assistência do Banco são baseados em *estratégias de redução da pobreza*, combinando um mistura de grupos locais com uma extensa análise da situação financeira e econômica do país. O

articuladas no programa denominado Brasília Sustentável, foram o ponto de partida para a transformação da paisagem urbana e do destino da cidade. O programa Brasília Sustentável, iniciado no ano de 2008 tem como foco assegurar a qualidade dos recursos hídricos do Distrito Federal, promovendo a melhoria das condições de vida da população e a gestão sustentável do território, mediante a regularização fundiária, o desenvolvimento institucional, a inclusão social e a redução da pobreza.

1.1 Formação e Origem da Cidade Estrutural

A formação da Estrutural tem sua origem em uma invasão de catadores de lixo próximo ao aterro sanitário do Distrito Federal, existente há décadas naquela localidade. Pessoas eram atraídas pelo *Lixão* em busca de meios de sobrevivência. Nessa busca, foram ali *alinhando* seus barracos para moradia.

Em meados dos anos 70 foi aberta a Rodovia DF-095 Estrada Parque Ceilândia – EPCL, administrada pelo DER-DF², para interligar a Estrada Indústria e Abastecimento – EPIA, na altura da cidade do Cruzeiro à Taguatinga, DF-001, hoje conhecida como Pistão Norte, seguindo em frente chega-se à Ceilândia, já na BR-070, que integra o *Sistema Viário Nacional*, rodovia radial, com sentido de Brasília a Cuiabá-MT, uma *Via Estrutural*.

A C.E está localizada às margens da Rodovia DF-095 (Via EPTC, conhecida como Via Estrutural) e ocupa uma área de 154 hectares. Nasceu na década de 60 como o “Lixão da Estrutura”. Após a inauguração de Brasília e poucos anos depois, surgiram os primeiros barracos de catadores de lixo próximo ao local.

Em 1989, foi criado o Setor Complementar de Indústria e Abastecimento – SCIA ao lado da Cidade Estrutural, época em que se previa a remoção da invasão para outro local. Várias tentativas foram realizadas neste sentido.

No início da década de 90 a invasão contava com pouco menos de 100 domicílios localizados ao lado do “lixão” que aos pouco foi se ampliando e

Banco Mundial desenvolve uma estratégia exclusivamente para o país em questão. O governo identifica as prioridades do país e as metas para a redução da pobreza, enquanto o Banco Mundial alinha os seus esforços de ajuda. O Banco Mundial é composto pelo BIRD e pela AID (Associação Internacional de Desenvolvimento).

² DER-DF – Departamento de Estradas e Rodagem – Distrito Federal.

transformando-se na “*Invasão da Estrutural*”. A conhecida invasão ampliou-se e mais tarde foi transformada em Cidade Estrutural, pertencente à Região Administrativa do Guará.

Embora tenha sido considerada imprópria para habitação, por se tratar de uma área de depósito de lixo e estar perto do Parque Nacional de Brasília, foram feitas várias tentativas de fixação de moradores por meio da Câmara Legislativa do Distrito Federal (CLDF). Em 1995 e em 1999 a CLDF aprovou duas leis criando, respectivamente, a Cidade Estrutural e a Vila Operária, que foram vetadas pelo Poder Executivo local. Em 01 de fevereiro de 2002, foi publicada a Lei Complementar número 530 que declara a área da Estrutural como Zona Habitacional de Interesse Social Público – ZHISP, estabelecendo uma faixa de tamponamento de 300 metros entre o assentamento e o Parque Nacional de Brasília. No entanto, sua regularização definitiva sofreu entraves, por força de implicações ambientais, o que exigiu a elaboração de um Estudo de Impacto Ambiental e Relatório de Impacto Ambiental (EIA/RIMA).

Em 2002, 15% dos vinte mil moradores da Estrutural, sobreviviam da coleta de lixo no local. Segundo reportagem do BBC Brasil, um trabalhador rápido e forte, trabalhando o dia inteiro, pode chegar a ganhar até R\$ 150,00 por semana. No entanto, o mais comum é um catador conseguir algo em torno de R\$ 50,00 por semana, vendendo garrafas plásticas, sacos de lixo, latinhas, placas de computador, aparelhos eletrônicos quebrados e sobras diversas.

Em janeiro de 2004 o Setor Complementar de Indústria e Abastecimento – SCIA foi transformado na Região Administrativa XXV – Lei número 3.315, tendo a Estrutural como sua sede urbana e também contando com a Cidade do Automóvel, onde está localizada a sede da Administração Regional.

No dia 19 de abril de 2004, foi realizada audiência pública para divulgação do Estudo de Impacto Ambiental para a área da Cidade Estrutural que, dentre as suas recomendações, fixa a população atual, desde que seja executado um plano radical de reurbanização e sejam tomadas medidas de controle ambiental, como a desativação de aterro sanitário e a criação de uma zona de tampão entre o assentamento e o aterro, reduzindo a pressão sobre o Parque Nacional de Brasília.

Finalmente, em 24 de janeiro de 2006, a Lei Complementar número 530 foi revogada, dando origem a Lei Complementar número 715, que torna a Vila Estrutural em Zona Especial de Interesse Social – ZEIS. Nesta lei, o projeto urbanístico do parcelamento urbano contempla as restrições físico-ambientais e medidas mitigadoras recomendadas pelo EIA/RIMA e que integrem a licença ambiental, devendo, em consequência, serem removidas as edificações erigidas em áreas consideradas de risco ambiental.

Considerada uma das regiões mais pobres do Distrito Federal, dado ao tipo de domicílio predominante na Região Administrativa que são “barracos” – em sua maioria os quais representam 55,1% do total de imóveis, seguidos de casa que tem também, participação bastante significativa – 41,4%, segundo dados da Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílio – PDAD 2004, realizada pela CODEPLAN³ e Secretaria de Planejamento, o setor já foi palco de várias tragédias, das quais, em 2004, um incêndio de grandes proporções que quase atingiu o gasoduto próximo da Estrutural. O fogo chegou a menos de 500 metros da tubulação que transporta gás para as indústrias do Distrito Federal.

Devido a sua localização, a Cidade Estrutural representa uma séria ameaça à integridade da mais antiga e mais importante área ambiental do Distrito Federal, o Parque Nacional de Brasília. Com mais de 40 anos de existência e 30 mil hectares, o parque é importante para o equilíbrio ecológico do DF. Possui várias espécies da fauna e flora ameaçada de extinção, além de abastecer 30% de Brasília com água potável provenientes das represas de Santa Maria e Torto.

1.2 A Cidade Estrutural Hoje com sua Característica Populacional

A Cidade Estrutural é a segunda maior área de invasão do Distrito Federal (só perdendo para Itapuã), porém é considerada a invasão em condições mais críticas do Distrito Federal.

³ **CODEPLAN** – Companhia de Planejamento do Distrito Federal, é uma Empresa estatal do Distrito Federal brasileiro, foi criada em 1964 pela Lei número 4545 de 10 de dezembro de 1964, com o nome de Companhia do Desenvolvimento do Planalto Central – CODEPLAN. Iniciou suas atividades em 05 de dezembro de 1966.

Segundo os dados do PDAD 2013, a população urbana estimada no SIA – Estrutural é de 35.801 habitantes, enquanto no ano de 2011 era de 32.148 habitantes, que ao comparar a Taxa Média Geométrica de Crescimento Anual do SCIA – Estrutural entre 2011-2013, encontra-se uma taxa de crescimento anual no período, de 5,5%, portanto, superior à observada no DF que é de 2,3% ao ano. Do total de habitantes, 50,51% são homens.

Os domicílios são em sua maioria casas, seguido de barracos, onde esses últimos são improvisados. Dentre todos os domicílios da Estrutural, 82,45% estão em terrenos não regularizados; 8,22% são alugados; 4,89% são cedidos e apenas 4,44% são próprios (quitado e em aquisição). (PDAD – 2013)

Em relação à documentação de posse dos imóveis 68,89% não possuem documentos definitivo; 15,33% detém a cessão de uso; 13,11% não possuem imóveis e apenas 2,00% possuem escrituras definitivas.

O SCIA – Estrutural é uma região administrativa urbana e ainda não consolidada, em razão da forma como surgiu e daí as dificuldades fundiárias a serem equacionadas. Revelou PDAD que a população da Estrutural é jovem, pois 34,12% têm até 14 anos de idade e 63,23% estão com idades entre 15 e 59 anos, neste contingente populacional é que se concentra a força de trabalho local. Pessoas com 60 anos ou mais representam apenas 2,65% dos habitantes.

Do total da população imigrante 54,97% vieram acompanhar parentes e acabaram ficando, 42,12% em busca de trabalho, e os demais, pelos mais variados motivos.

O tipo de residência predominante é de alvenaria, sendo que apenas 1/5 encontra-se em terrenos regularizados. Os imóveis próprios quitados ou em processo de aquisição não chegam a 5%. Os serviços de infraestrutura urbana estão presentes em 90% dos domicílios.

Em relação à escolaridade da população local, a maior participação concentra-se na categoria dos que não concluíram o ensino fundamental 46,44% e 16,66% tem o ensino médio completo e apenas 0,51% possuem ensino superior.

Esses fatores continuam liderando e tiveram acréscimos significativos na última pesquisa.

Responsáveis por Domicílios Segundo a Escolaridade

Escolaridade	Quantidade	%
Analfabeto (15 anos ou mais)	618	6,20
Sabem ler e escrever (15 anos ou mais)	458	4,60
Alfabetização de adulto	40	0,40
Ensino Especial	0	0,00
Fundamental incompleto	5.081	51
Fundamental completo	897	9,00
Médio incompleto	678	6,80
Médio completo	1.873	18,80
Superior incompleto	179	1,80
Superior completo	139	1,40
Curso de Especialização	0	0,00
Mestrado	0	0,00
Doutorado	0	0,00
Total	9.963	100

Fonte: Codeplan – Pesquisa Distrital por amostra de Domicílios – SCIA Estrutural – PDAD 2015

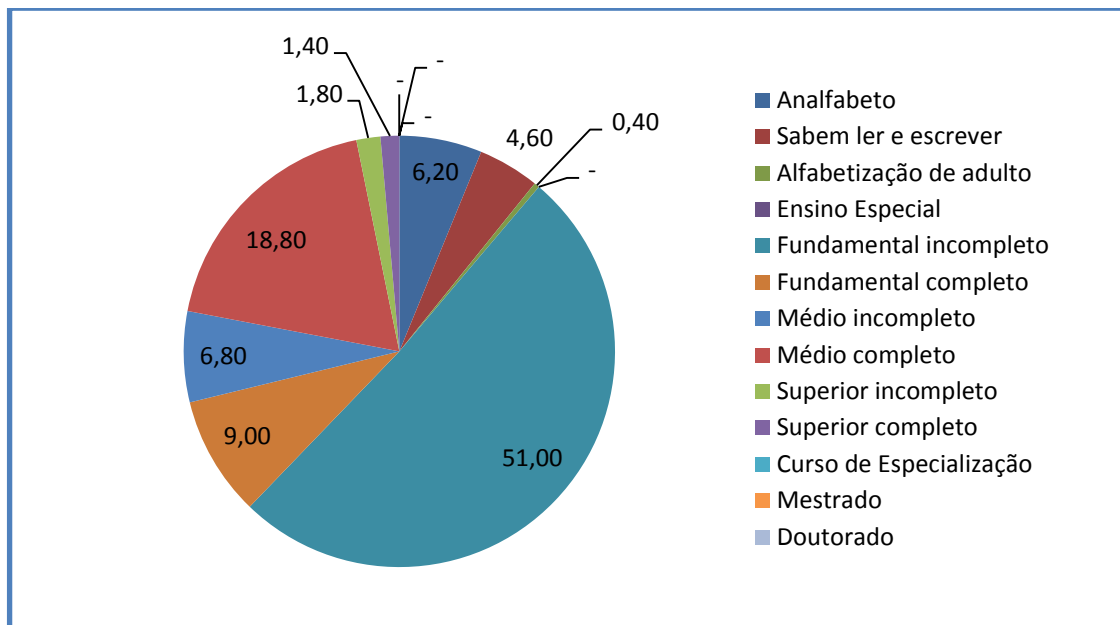


Gráfico 1: Responsáveis por Domicílios Segundo a Escolaridade

O número de analfabetos subiu em relação a 2013, de 2,24% foi para 2,59%. Da população total da Estrutural, 62,95% não estudam e entre os que

estudam (37,05%), 34,85% estão em escola pública e 2,20% em escola privada. Foi detectado ainda que 0,23% de crianças na faixa de 6 a 14 anos não foram alfabetizadas. Aqui se encontra um agravante, levando em consideração a população local que é composta por jovens, e esse acréscimo no percentual é digno de uma reflexão.

População Segundo a Condição de Estudo

Condição de Estudo	Ano 2013/2014		Ano 2015	
	Quantidade	%	Quantidade	%
Não estudam	22.537	62,95	25.723	65,94
Escola Pública	12.478	34,85	12.335	31,61
Escola Particular	786	2,20	937	2,40
EAD Pública	-	-	-	-
EAD Particular	-	-	20	0,05
Total	35.801	100	39.015	100

Fonte: Codeplan – Pesquisa Distrital por amostra de Domicílios – SCIA Estrutural – PDAD 2013/2014 e 2015

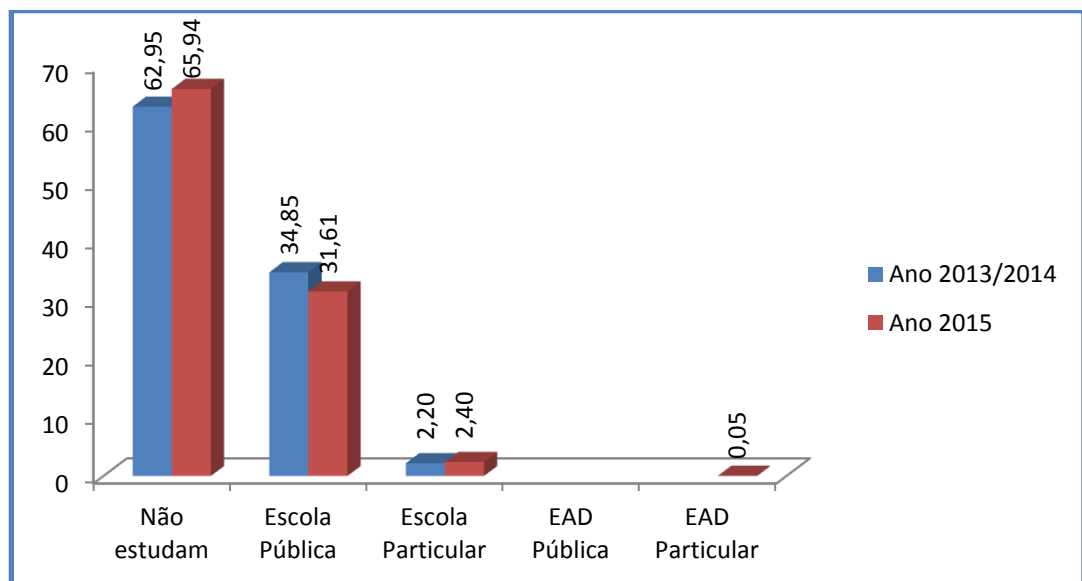


Gráfico 2: População segundo a condição de estudo

A predominância na origem dos moradores vem destacando o Estado do Maranhão (22,67%), seguido por Bahia (18,66%) e em seguida o Goiás, abrangendo o Entorno de Brasília (18,43%) e Piauí (12,74%), o restante está distribuído nos demais estados.

A atividade remunerada da população urbana é mais voltada para as atividades de Serviços Gerais. Empregados com carteira de trabalho assinada não chega a 50% dos ocupados e os por conta própria guardam a mesma proporção. A renda domiciliar da localidade concentra-se entre um a cinco salários mínimos mensais (82,11%), e o grupo domicílios com renda de dez a vinte salários mínimos não chega a 1%. No SCIA – Estrutural cerca de 2/5 de seus moradores ocupados trabalham na própria Região Administrativa.

No que se refere à religião, do total da população residente 41,62% se declararam católicos; 38,57% evangélicos tradicionais e 7,43% evangélicos pentecostais; 0,73% espíritas e 3,04% não definida. Esse item merece atenção, primeiro por este tema ser objeto deste estudo e segundo pela mudança significativa na opção e ou orientação religiosa.

População Segundo a Religião Declarada

Religião	Ano 2013/2014		Ano 2015	
	Quantidade	%	Quantidade	%
Católica	14.897	41,62	16.698	42,80
Evangélica Tradicional	13.808	38,57	10.900	27,94
Evangélica Pentecostal	2.661	7,43	7.532	19,31
Espírita	262	0,73	259	0,66
Budista	-	-	-	-
Oriental	-	-	-	-
Origem Afro	-	-	-	-
Outras	1.089	3,04	199	0,51
Não tem religião	3.084	8,61	3.387	8,68
Não sabem/não querem informar	-	-	40	0,10
Total	35.801	100	39.015	100

Fonte: Codeplan – Pesquisa Distrital por amostra de Domicílios – SCIA Estrutural – PDAD 2013/2014 e 2015

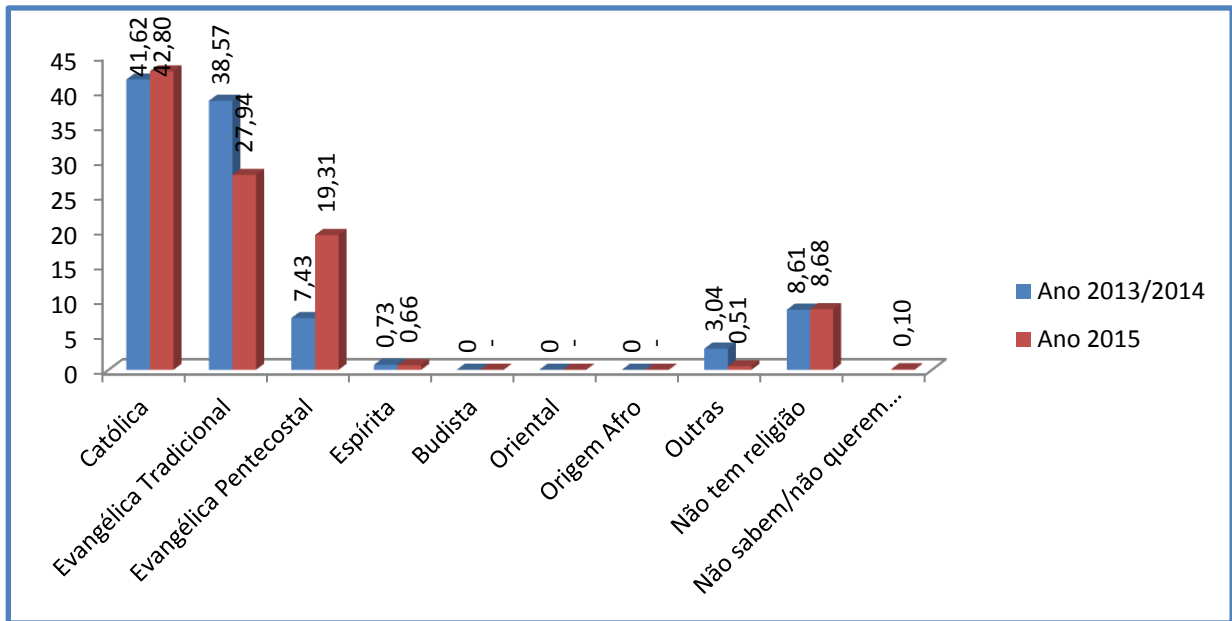


Gráfico 3: População Segundo a Religião Declarada

Em relação à participação/frequência aos cultos religiosos 49,94% tem prática regular; 38,23% prática eventual; 9,63% não frequentam e 2,20% não souberam definir. Outro acréscimo significativo foi apresentado na frequência neste item.

População Segundo a Frequência Religiosa

Religião	Ano 2013/2014		Ano 2015	
	Quantidade	%	Quantidade	%
Não frequentam	3.447	9,63	3.627	9,30
Praticantes regulares	17.881	49,94	31.243	80,08
Praticantes eventuais	13.687	38,23	4.065	10,42
Não sabem/não querem responder	786	2,20	80	0,20
Total	35.801	100	39.015	100

Fonte: Codeplan – Pesquisa Distrital por amostra de Domicílios – SCIA Estrutural – PDAD 2013/2014 e 2015

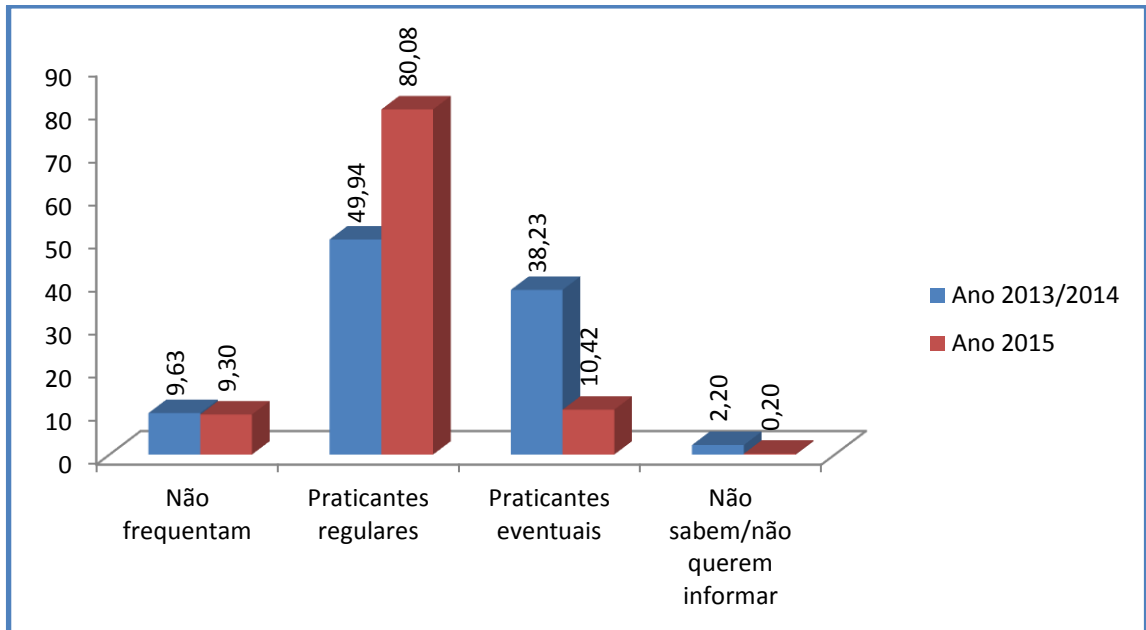


Gráfico 4: População Segundo a Frequência Religiosa

A sociedade civil da Cidade Estrutural se organiza da seguinte forma:

Organizações	Quantidade
Administração Regional	01
Associações	30
Capela Católica	02
CREAS	01
COSE	01
Centro de Saúde	01
Centro Espírita	01
Candomblé	01
Conselho Tutelar	01
Centro Comunitário	01
Creches conveniadas com GDF	03
Escolas Públicas	04
Museu (do sangue)	01
Posto da PM	01
Posto da Polícia Civil	01
Restaurante Comunitário	01
Segmentos Pentecostais	240
Igreja Católica	02
Tribunal Regional Eleitoral	01
Posto do PROCON	01

Banco Comunitário	01
Agência do Trabalhador	01
Centro Olímpico	01
Coletivo da Cidade	01

O comércio em geral é bem servido, onde se encontra de tudo um pouco, além de uma feira livre permanente. Está presente na cidade, o Tribunal Regional Eleitoral, com uma sede imponente, que se destaca das demais construções.

Embora a cidade continue crescendo e se desenvolvendo, o *lixão* continua sendo ainda a principal fonte de renda de um bom número de famílias da população local. Todo material é comercializado dentro do próprio *lixão*, a catadores que se tornaram empresários informais e montaram “escritórios” de compra dos materiais encontrados no local. Na tentativa de evitar disputas, os catadores criaram associações e cooperativas, que proíbem a exploração do *lixão* àqueles que não estão cadastrados na associação.

Segundo pesquisa apresentada no seminário “A Questão Ambiental Urbana: Experiências e Perspectivas”, realizado no final de julho de 2004, na Universidade de Brasília, a renda média das famílias que vivem na Estrutural é de um a três salários mínimos mensais, mas podem-se encontrar famílias que ganham até seis salários mínimos por mês. Os catadores de lixo representavam maioria quando a favela começou em 2004, eram 700 pessoas das 25 mil residentes na Estrutural naquela época. Isso mostra que a população original mudou-se do local ou trocou de ocupação, pois a maior parte dos moradores da Estrutural tem empregos informais, ou são autônomos.

É importante esclarecer ainda que, é uma cidade em ascensão, em crescimento/desenvolvimento acelerado. O universo populacional é predominantemente composto de jovens e adultos de “meia” idade, pois esta não chega aos 50 anos, está girando em torno dos 30 a 45 anos, embora na aparência nos dê outra impressão.

A população considerada idosa é pouco encontrada, pois está na composição familiar de forma temporária (veio ajudar cuidar dos netos por um tempo; ou veio para tratamento de saúde; ou mesmo para visitar uma filha ou um filho). A presença

dos idosos permanente é porque residia no local antes mesmo do local vir a ser uma cidade. Eram cultivadores de hort-fruit, pois residiam em Chácaras que devido à “urbanização” em consequência da especulação nos arredores do Lixão, cuidaram de acompanhar o “progresso” demarcando as referidas Chácaras em lotes e posterior comercialização, ou então, demarcaram de acordo com o número de filhos.

O espaço onde a Cidade se encontra tem passado por valorização, pois é a aglomeração mais próxima de Brasília dentre todas as cidades do DF. Há cinco linhas regulares de ônibus para a Avenida W3 – Asa Sul, Ceilândia, Taguatinga, Guará e Rodoviária do Plano Piloto. Apesar de haver linhas de transportes regulares para estas áreas a circulação interna ainda sofre com a pouca oferta desses serviços.

Por estarem próximo ao Lixão, os moradores têm suas casas invadidas por ratos, baratas, pulgas, carrapatos, moscas e outros insetos. Não há escoamento das águas das chuvas e dos esgotos. Os moradores cavam fossas próximas aos muros de suas casas, porém, quando chove forte, essas fossas transbordam e os dejetos são levados pelas enchentes, frequentes na região. Há coletas de lixo em cerca de 20% das residências, enquanto que no restante da área queima-se ou enterra-se o lixo, mas é comum encontrar terrenos em proximidades de casas e instituições, repletos de lixos e entulhos das residenciais.

O lixão da Estrutural, apesar de representar uma fonte de contaminação do solo, dos mananciais de água e mesmo das pessoas que vivem próximas a ele, representa também uma importante fonte de renda para muitas famílias moradoras do local. Atualmente existem 1.500 (um mil e quinhentos) catadores e 06 (seis) Cooperativas de Catadores.

Vale a pena registrar alguns trechos da matéria do dia 22/07/2015 do Correio Brasiliense (Jornal de grande circulação em Brasília), sobre o Lixão da Estrutural, em que a Diretora do SLU (Serviço de Limpeza Urbana), a Senhora Kátia Campos concedeu entrevista:

Brasília foi referência nacional no tratamento de lixo com a inauguração da Usina de Tratamento da Asa Sul, em 1963. A tecnologia dinamarquesa colocava a Capital Federal entre a mais evoluída do mundo no setor. Hoje a situação é inversa. A cidade abriga o maior Lixão a céu aberto da América

Latina e enfrenta grandes desafios para cumprir as metas da Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), aprovada em agosto de 2010.

Atualmente 25% do orçamento são para custear apenas a varrição. Com dívida de R\$ 80 milhões, o SLU reconhece problemas. “Estamos em débitos. É humilhante a Capital conviver com isso (Lixão)”, define a diretora da Autarquia, Kátia Campos. Além disso, a ausência de planos de saneamento e de tratamento de resíduos dificulta o trabalho.

No Site do Correio, 81% dos internautas atribuíram a sujeira da cidade aos hábitos dos brasilienses. Falta consciência ambiental?

Se o SLU fosse fantásticamente competente para fiscalizar, se a empresa coletora respeitasse os horários, se os equipamentos fossem os melhores, ainda assim se o cidadão não colaborar, a cidade ficaria suja. O papel das pessoas pesa em 80% da limpeza urbana. Porém, o SLU ainda possui algumas precariedades. Vivemos com hábitos inadequados quanto ao descarte dos resíduos. Isso se origina na nossa formação. Não temos a cultura da preservação, reutilização e primor pela higiene. Há registros históricos que mostram que, em 1815, por exemplo, era costume jogar lixo na rua. Naquela época, havia porcos nas praças e nas ruas e lixo por toda parte, sem nenhuma preocupação com o ambiente. O Lixão da Estrutural é o maior da América Latina.

Brasília ter um Lixão é uma vergonha para o governo. É humilhante a capital conviver com isso. Mas é culpa também da população, que não se organiza e reivindica a desativação. Há muitos interesses nesse caso. Muita gente vai perder dinheiro com o fechamento. Lá não se tem controle de nada. Vamos acabar com as atividades ilegais que funcionam lá. Essa história é de conhecimento até de organismos internacionais de regulação e proteção do meio ambiente.

Então assim de forma incipiente a cidade foi criada e junto vieram às invasões, desmatamentos desordenados com queimadas, demarcações especulativas e o comércio de materiais de construção, depósitos, madeireiras e afins, tudo, diga-se de passagem, irregular, de forma criminosa ao patrimônio ambiental, pois este espaço era considerado uma Área de Preservação Permanente (APP), sob os cuidados do Governo Federal, e faltou desse governo zelo por este patrimônio ambiental, colocando em risco o lençol freático ali existente bem como toda a flora e fauna característica do Cerrado que ali existe.

A orientação religiosa dos imigrantes da Cidade Estrutural é bem mesclada, mas a predominância ainda prevalece na religião católica, embora o seu quantitativo esteja bem próximo da orientação evangélica.

2. DISCUSSÃO TEÓRICA DO OBJETO DE PESQUISA A PARTIR DE MAX WEBER E PIERRE BOURDIEU

Neste capítulo será estudado o referencial teórico que fundamentará o objeto desta pesquisa, utilizando os conceitos de Afinidade Eletiva de Marx Weber (2004), destacando as escolhas que o homem tem feito ao longo de sua vida em relação às questões religiosas; associados aos conceitos de Campo Religioso de Pierre Bourdieu, definido como espaço social estruturado.

2.1 Afinidade Eletiva

M. Löwy em seu ensaio sobre conceito de Afinidade Eletiva em Weber afirma que o autor utilizou muito frequentemente o termo afinidade eletiva para exprimir um duplo aspecto das ideias, isto é, que elas são criadas ou escolhidas pelos indivíduos (eletivas), e que eles correspondam aos seus interesses materiais (afinidades), (Weber, 2004 apud Löwy 2011)

Ainda fazendo alusão ao ensaio, M. Löwy continua: Weber acredita que, em meios a crises escatológicas esporádicas, as adesões aos movimentos religiosos atravessam diferentes classes sociais (são verticais), enquanto, com sua rotinização, essas adesões se tornam “horizontais”, ou seja, obedecem as linhas divisórias de classes um fato que justifica, em certa medida, “a interpretação materialista histórica”. (Weber 1996 apud Löwy 2011).

No campo religioso, que é o que nos interessa, ele trata a relação entre formas religiosas distintas, isto é, entre o ritual e a graça sacramental, ou, ainda, entre a profecia emissária e “uma concepção determinada do divino: aquela de um Deus criador, transcendente, pessoal, fulminante, que perdoa, ama, exige e castiga” – em oposição à divindade impessoal e contemplativa da profecia exemplar, (Weber,1996 apud Löwy 2011).

Em relação à ética religiosa e o ethos econômico Weber sublinha “que existe uma afinidade eletiva entre o racionalismo econômico e determinados tipos de religiosidade ética rigorosa. Essa afinidade para ele só pode ser observada, de

modo ocasional, fora do Ocidente, quer dizer, fora da sede do racionalismo econômico”. (Weber 2004, apud Löwy 2011).

Ainda em seu ensaio Löwy (2011) afirma que para Weber são equivalentes: ‘afinidade eletiva’, ‘adequação’ e ‘parentesco interior’. Embora Weber utilize diversos conceitos em torno da noção de afinidade eletiva ou de seu propósito: adequação, parentesco interior, afinidade de sentidos e congruência; que ajudam na compreensão do fenômeno, mas não são rigorosamente sinônimos ou equivalentes. Por exemplo, o termo “parentesco interior”: designa uma afinidade íntima, uma adequação entre duas formas, mas não a relação ativa entre eles. Ao contrário da afinidade eletiva que contém o elemento da seleção, da escolha ativa, da ação recíproca.

Desta forma fica claro que Weber não definiu o conceito de “afinidade eletiva”, mas deu algumas pistas sobre o seu “funcionamento”, quando dois elementos – por exemplo, um sistema social e um “espírito” cultural – estão ligados por um ‘grau de adequação’ particularmente elevado e entram em relação de afinidade eletiva, eles se adaptam ou se assimilam reciprocamente, até que, “finalmente, o desenvolvimento de uma íntima e sólida unidade se instauram”. Ou, então o grau de afinidade eletiva entre uma ação comunitária e uma forma econômica depende do tipo de conexão ativa que se estabelece entre os dois elementos: “Se, e com qual intensidade, eles favorecem reciprocamente sua existência, ou, ao contrário, eles a impedem ou a excluem; são reciprocamente ‘adequadas’ ou ‘inadequadas’”. (Weber 1968 apud Löwy 2011).

Na linguagem de Goethe, á qual Weber se refere, implicitamente, quando utiliza essa expressão, as duas formas culturais “procuram uma pela outra, atraem-se e se apoderam uma da outra”. Para Weber, que é antes de tudo um sociólogo da ação social, essa diferença entre a simples “afinidade” e a afinidade eletiva, entre uma analogia formal e uma relação ativa, não poderia passar despercebida. (Goethe 1948 apud Löwy 2011)

M. Löwy (2011), norteado por Weber afirma que a afinidade eletiva depende do grau de “adequação” ou de “parentesco” entre as duas formas, mas ela depende também de outros fatores: a afinidade eletiva é favorecida ou desfavorecida por

certas condições históricas. De fatores históricos, sociais e culturais para que se desenrole um processo de *attractio electiva*, de seleção recíproca, reforço mútuo e, até mesmo, em alguns casos, de “simbiose” de duas figuras espirituais. Tal problemática está implicitamente presente na obra de Weber, mas é raramente desenvolvida.

Em Lemos (2012, p.154), Löwy no que diz respeito a afinidade eletiva afirma que, para Weber ela tem por base a concepção da existência de uma matriz comum de crenças políticas e religiosas, ambas enquanto um corpo de convicções individuais e coletivas que estão fora do domínio da verificação e experimentação empíricas, mas que dão sentido e coerência à experiência subjetiva daqueles que a possuem. Afinidade eletiva enquanto seleção mútua e reforço recíproco de fenômenos socioculturais distintos. Essa afinidade pode ser tanto positiva como negativa. A positiva é a convergência, articulação e até mesmo fusão dialética entre os diferentes fenômenos em questão. A negativa é uma rejeição básica e irreconciliável entre fenômenos socioculturais distintos.

Weber analisou e comparou diversas religiões que existiram e que ainda existem no mundo avaliando o papel que as crenças religiosas exercem na conduta dos indivíduos em sociedade. De um modo geral ele desvelou o potencial que a religião tem de provocar transformações na ordem social, sejam elas na esfera da economia, da política ou da cultura em geral. (Weber, apud Cancian 2007).

De acordo com a teoria marxista, a forma como o homem produz e reproduz sua sobrevivência exerce uma influência determinante sobre as outras esferas da vida social, tais como a religião, a cultura, as instituições políticas e jurídicas, etc. Weber (1864-1920) atribui às crenças e valores religiosos um papel importante na conduta dos indivíduos em sociedade. Na sua obra: “A ética protestante e o Espírito capitalismo”, ele defendeu a tese de que a religião protestante exerceu uma poderosa influência no surgimento do modo de produção capitalista (Cancian 2007).

A partir da Reforma Protestante, surgiram várias seitas protestantes, entre elas as que se basearam no pensamento de João Calvino (1509 – 1564). Os preceitos religiosos constitutivos da doutrina calvinista levaram seus adeptos a

adotarem um estilo de vida metódico em todos os aspectos, denominado por Weber como *ascetismo*. (Cancian 2007).

O *ethos* da vida característica do ascetismo calvinista levava os crentes a valorizarem o trabalho secular (mundano), o lucro e a acumulação de riquezas materiais. Enquanto o católico buscava assegurar a salvação pela virtude, pelo arrependimento e pela penitência, os adeptos calvinistas e do protestantismo de modo geral – viviam sem saber se seriam salvos ou condenados. (Cancian 2007).

Essa incerteza levava-os a buscarem, no decorrer de suas vidas, possíveis sinais de concessão da graça divina. O enriquecimento econômico era um sinal que Deus daria aos predestinados à salvação, aos “escolhidos”. Por conta disso, os calvinistas desenvolveram um rígido e disciplinado modo de vida, que os levava a concentrarem seus esforços na acumulação material. (Cancian 2007).

O *ethos* calvinista concebe o trabalho como uma vocação. A disciplina moral calvinista levava os crentes a pouparem seus ganhos e, ao mesmo tempo, os inibia de usarem os lucros para o consumo de bens luxuosos. Os lucros eram reinvestidos no próprio empreendimento capitalista gerando um movimento cíclico de acumulação/reinvestimento/acumulação. (Cancian 2007).

Foi feito uma comparação entre “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo” com outros estudos de Weber referente às religiões asiáticas, como, por exemplo, o hinduísmo e outras religiões que são à base das sociedades de castas. Nesses casos, a religião serviria para manter uma ordem social e econômica acentuadamente hierarquizada e estática, ou seja, sem qualquer possibilidade haver mobilidade ou mudança social. Pois a sociedade de castas está fortemente assentada sobre preceitos religiosos muito arraigados, que concebem a desigualdade e diferenças sociais como manifestação da vontade divina. (Cancian 2007).

Para Weber a sociedade é fragmentária e contraditória, não podendo ser apreendida em sua totalidade. O foco das análises sociais deve, portanto, recair sobre o “domínio da ação”, seja sobre as esferas da vida; seja sobre as organizações; seja sobre os grupos de status. Essas relações ora são antagônicas, ou afins: resultam de afinidades eletivas. (Thiry-Cherques, 1997).

E ainda que a cultura para Weber é um segmento finito da realidade, recortado da infinitude inalcançável do mundo: um segmento a que os seres humanos conferem sentido e significância. E para ele ainda não só mudam as culturas como mudam aquilo que reconhecemos como cultura. Quando tentamos compreender os valores de um indivíduo ou de um grupo, devemos considerar que esses valores correspondem a uma cultura particular, a uma visão do mundo diferente da nossa e que ambas as culturas estão em transformação. Trata-se de uma equação indeterminada, com tantas variáveis quantas as incógnitas. (Thiry-Cherques 1997)

Um resumo da linha de pensamento de Weber sobre a cultura e a racionalidade que teria a seguinte forma: cada cultura, e sua evolução, engendra uma racionalidade própria, que explica a cultura para si mesma. Desse processo, emergem os valores e, entre eles, uma ética, uma razão moral que convém a essa cultura e que a justifica. Para ele, a cultura que o capitalismo moderno veio à luz foi a do ascetismo internalizado e do ativismo racionalista. Ele explicava o capitalismo como uma forma econômica, racional, uma organização funcional orientada pela formação de preços em um mercado livre. (Thiry-Cherques 1997)

Para o homem comum quando surgiu o capitalismo havia duas alternativas para escapar a tensão entre a forma de vida econômica e a fé religiosa: o ascetismo do trabalho, com todo o seu desencanto, que correspondia à salvação neste mundo, e o misticismo religioso, correspondendo à salvação no outro mundo. Só se pode trabalhar para a salvação nesse mundo. A salvação no outro mundo depende do desígnio divino, de forma que inicialmente a religião transfere a ética da reciprocidade (o que precisas hoje posso precisar amanhã) para os irmãos de fé (Weber, 1974). Depois, a religião profética substitui a ética do clã, da vizinhança, da guida, dos associados nas empresas marítimas, pela ética da **caritas**, do amor ao próximo. (Thiry-Cherques 1997).

Como escreveu Weber na segunda parte da *Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* (em 1906, após visitar a América).

“Os puritanos queriam trabalhar por vocação; nós temos de fazê-lo (...). Essa ordem (econômica) está hoje limitada por pressuposições técnicas e econômicas de produção mecanizada, que determinam (...) o estilo de vida do indivíduo nascido nesse mecanismo (...) [que aparentemente é] (...) um

leve manto, que pode ser deixado de lado a qualquer momento. Mas o destino decretou que tal manto se tornaria uma jaula de ferro”.

Presos em uma jaula de ferro se deixa uma tradição para seguir outra. Assim se adentrou em uma lógica inevitável, uma cultura técnica, regida internamente pelo conhecimento. É a prisão de uma humanidade especializada, “vocacionada”, compelida a abandonar a “universalidade da humanidade” e viver em um mundo racionalizado, “desencantado”. “Percebe-se assim que para Weber a racionalidade não é absoluta, mas um produto cultural. É possível que, como protestante alemão, Weber visse o mundo com olhos de protestante e alemão, e o espírito protestante e o alemão como uma coisa só. Tudo no império alemão tendia a racionalidade: a bolsa, o sistema métrico, o código industrial, a burocracia”. (Thiry-Cherques 1997).

E o autor continua: Os desígnios de Deus não podem ser compreendidos, mas o mundo tem um sentido dado por Deus. No Confucionismo, o mundo é que dá a ética; não há tensão entre o homem, o mundo e Deus. A confiança na China é baseada nos laços de parentesco e amizade. No protestantismo, o que vale é a comunidade e a “qualidade ética” dos indivíduos singulares. Enquanto “o racionalismo confuciano

significa a adaptação racional ao mundo, o racionalismo puritano significa dominação racional do mundo” (Weber, 1982:158). O cristianismo possibilitou uma explicação do mundo liberta do caráter mágico. A vida não precisa ser boa, mas tem de ser lógica. Não aceitamos o “carma”, mas aceitamos nossa carga de esperança “racional” de uma felicidade futura. (Thiry-Cherques 1997).

Quanto menos mágica é uma religião, mais seus fundamentos necessitam de uma justificativa lógica. Ou ainda, quanto menos misticismo e mais “doutrina” mais racionalidade a religião exige. No Ocidente houve uma passagem da magia à racionalidade, o que Weber denominou o “desencanto do mundo”. Com a racionalização deixamos de acreditar nos mitos e abrimos espaços para o ceticismo, a mistificação e o charlatanismo. É nessa sociedade infinitamente complexa com opções éticas conflitantes, que uma coisa pode ser boa sem ser bela e vice-versa, assim se ver que o mundo nunca se desencanta, embora Weber se desencante dele

e proponha como solução voltar à religião ou viver o dia-a-dia. (Thiry-Cherques 1997).

Sobre a racionalidade e seus correlatos, afirma Weber que o desencanto do mundo caracteriza-se por uma retirada da vida pública dos valores essenciais e mais sublimes. Desta forma, o homem moderno está destinado a viver em uma época sem deuses nem profetas'. O desencantamento do mundo veio pela mão da racionalização crescente das relações sociais no contexto do capitalismo. Ele arrancou da existência dos homens os deuses e demônios que em tempos passados foram presenças vivas e atuantes. (LEMOS, 2012, p.153).

Ainda na perspectiva de Lemos (2012), a racionalização da vida não se daria única e exclusivamente na esfera do pensamento formal. Inclusive as escolhas subjetivas e religiosas segundo o pensamento weberiano estariam contempladas pela racionalidade.

O significado prático dessa racionalização é a concepção de que poderemos descobrir um maior conhecimento das condições em que vivemos a qualquer momento. Significa que, no essencial, não intervêm forças misteriosas incalculáveis, mas que, em princípio, poderemos controlar todas as coisas mediante o cálculo. Isto supõe um desencantamento do mundo. Já não é necessário recorrer a meios mágicos a fim de dominar ou explorar os espíritos, como fazia o selvagem, para quem existiam tais poderes misteriosos. Os meios técnicos e os cálculos cumprem essa função. (LEMOS, 2012, p.153).

Lemos desta vez faz alusão à ação do carisma no mundo que difere da racionalização e novamente cita Weber que para ele o carisma é aquela qualidade que passa por extraordinária de uma personalidade, por cuja virtude se a considera em posse de forças sobrenaturais e sobre-humanas. A dominação carismática "pura" é aquela em que não tem pagamento nem prebenda alguma. (Lemos 2012, p.153-154).

O tempo, dádiva de Deus, não pode ser desprezado e, além disso, os impulsos malignos são impulsos pelo trabalho. A riqueza obtida é a prova de que Deus predestinou à fortuna, o que pode ser um sinal da salvação além da vida. Mas se os frutos do trabalho podem significar a aprovação divina, não se trata de usufruí-la: o homem é apenas um guardião dos bens que lhes foram confiados pela graça de Deus.

Quando afirmo que: os “designios de Deus são insondáveis”, quero dizer que se sou afortunado e outros sofrem, e isso não pode ser por acaso, mas por vontade divina. Assim, a religião racionalizou o mundo e engendrou “essa poderosa tendência para a uniformidade da vida, que hoje em dia tão fortemente contribui para a padronização capitalista da produção” (WEBER, 1950,169).

O trabalho deve ser executado como uma “vocação”, como um fim absoluto por si mesmo. O homem deve “por natureza”, não por usura, querer ganhar cada vez mais dinheiro. O homem é motivado pela salvação da alma, não pela aquisição de riquezas. Rompe-se aqui o dualismo entre uma moral para os justos e outra para os que estão fora da Igreja. (WEBER 1968 apud Thiry-Cherques 1997).

A ética religiosa da negação do mundo conflita com as esferas econômicas, política, estética, erótica e intelectual. A racionalidade econômica provedora dos bens materiais para a cultura mundana é desprovida de amor. O estético, o erótico, as “forças da vida deste mundo” e o cultural são a afirmação do mundo do subjetivo, mas não mais do transcendente. (Weber 1974 apud Thiry-Cherques 1997).

2.2 Campo Religioso

Reportando-se a Bourdieu (1998) em A Economia das Trocas Simbólicas, este afirma que: a experiência religiosa depura-se e as relações diretas com o cliente introduzem valores morais na religiosidade do artesão. Todavia o maior mérito de Weber foi o fato de que a urbanização contribuiu para a “racionalização” e para a “moralização” da religião apenas na medida em que a religião favorece o desenvolvimento de um corpo de especialistas incumbidos da gestão dos bens de salvação. Os processos de ‘interiorização’ e de ‘racionalização’ dos fenômenos religiosos e, em particular, a introdução de critérios e imperativos éticos, a transfiguração dos deuses em poderes éticos que desejam e recompensam o ‘bem’ e punem o ‘mal’, de modo a salvaguardar também as aspirações éticas, e mais, o desenvolvimento do sentimento do ‘pecado’ e o desejo da ‘redenção’.

A racionalização da religião possui sua normatividade própria sobre a qual as condições econômicas podem agir apenas como ‘linhas de desenvolvimento’, estando ligada, sobretudo ao desenvolvimento de um corpo especificamente

sacerdotal. O corpo de sacerdote tem a ver diretamente com a racionalização da religião e deriva o princípio de sua legitimidade de uma teologia erigida em dogma cuja validade e perpetuação ele garante. A autonomia do **campo religioso** afirma-se na tendência dos especialistas de fecharem-se na referência autárquica ao saber religioso já acumulado e no esoterismo de uma produção quase acumulativa de início destinada aos produtores. (Bourdieu 1998, p.36).

E “**campo**”, seja **religioso, político ou artístico**, é definido como espaço social estruturado por meio de diferentes posições, com propriedades particulares e cuja dinâmica depende dessas posições para se manter, independentemente de quem as ocupe. (Bourdieu, 1998).

A gênese do campo **religioso** está ligada ao processo de aparição e desenvolvimento das cidades ainda na Idade Média, associado ao desaparecimento, embora gradual da relação racionalista do homem com a vida, esta relação orientaria o homem na busca do “sentido” da existência. (Bourdieu, 1998).

Desta forma pode-se afirmar então que a religião funciona como um sistema de estruturação, pois, constrói a experiência ao mesmo instante que a expressa; consagra ou legitima na medida em que ocupa uma posição determinada na estrutura social. Já a religiosidade reveste-se de caráter pessoal, muitas vezes considerado parte integrante da essência de qualquer experiência religiosa. (Bourdieu 1998, p.46).

A sistematização sacerdotal tem por efeito manter os leigos à distância (função de toda teologia esotérica), convencê-los de que esta atividade requer uma “qualificação” especial, “um dom de graça”, inacessível ao comum dos homens, e persuadi-los a desistir da gestão de seus negócios religiosos em favor da casta dirigente, a única com competência necessária para tornar-se um teórico religioso.

Esse processo provocou a constituição de um corpo estruturado de conhecimentos secretos, raros e organizados na tentativa de difundir “bens religiosos”, ou o capital simbólico de cada grupo, sem perder de vista a moralização das práticas e das representações religiosas a partir de então.

Esse conceito não está isento de tensões e de lutas por poder dentro de cada campo. Isto fica nítido, visível quando novas ideias buscam legitimar sua posição em relação a um grupo dominante, onde este muitas vezes defende sua posição desqualificando ou mesmo excluindo a ‘concorrência’ não legitimando o novo.

Para Bourdieu (1998), o dominante num campo religioso é o conjunto de pessoas que detém o capital simbólico específico desse campo, composto por regras, crenças, técnicas, conhecimentos, história, hierarquia. O dominante ao fazer uso desse capital simbólico, ele busca se manter e usa este capital como *base* e assim tende a defender a ortodoxia, busca excluir os recém-chegados que por sua vez lançam mão de estratégia de subversão como as heresias na tentativa de construir a sua legitimidade própria.

Neste campo é apontada ainda a existência de uma divisão social do trabalho na dinâmica dos campos religiosos, quais sejam: a dos sacerdotes, entendidos como aqueles detentores de uma autoridade legitimada pelo grupo dominante, e a dos profetas, que em oposição aos sacerdotes, representam a força carismática e herética de *novas posições* ideológicas dentro do campo. (Bourdieu 1998)

Para Bourdieu (1998) os sacerdotes dispõem de autoridade de função, que dispensa conquista em virtude do fato de sua autoridade ser legitimada pela função e pela posição ocupada no campo religioso. Já o profeta, sua autoridade deve ser sempre conquistada, no conjunto de determinado estado de relação de forças. Nas palavras do autor:

“O profeta opõe-se ao corpo sacerdotal da mesma forma que o descontínuo ao contínuo, o extraordinário ao ordinário, o extracotidiano ao cotidiano, ao banal, particularmente no que concerne ao modo de exercício da ação religiosa, isto é, à estruturação temporal da ação de imposição e de inculcação e os meios a que ela recorre.” (Bourdieu 1992:89).

Em sua qualidade de sistema simbólico estruturado a religião funciona como princípio de estruturação que 1) constrói a experiência em termos de *lógica em estado prático*, e em termos de *problemática implícita*, delimitando o campo do que merece ser discutido em oposição ao que está fora de discussão; 2) consegue submeter o sistema de disposição em relação ao mundo natural e ao mundo social,

a uma *mudança de natureza*, em especial convertendo o ethos enquanto sistema de esquemas implícitos de ação e de apreciação em *ética* enquanto conjunto sistematizado e racionalizado de normas explícitas, A religião permite a legitimação de todas as propriedades características de um estilo de vida singular, propriedades *arbitrárias* que se encontram objetivamente associadas a este grupo ou classe *na medida em que ocupa uma posição determinada na estrutura social*. (Bourdieu 1998, p.45-46)

A religião exerce um efeito de consagração sob duas modalidades: 1) através de suas sanções santificantes, convertem em limites legais os limites e as barreiras econômicas e políticas efetivas. Contribui para a *manipulação simbólica das aspirações* que tende a assegurar os ajustamentos das esperanças vividas às oportunidades objetivas; 2) inculca um sistema de práticas e de representações consagradas cuja estrutura reproduz sob uma forma transfigurada, e portanto irreconhecível, a estrutura das relações econômicas e sociais vigentes em uma determinada formação social, e que só consegue produzir a objetividade que produz ao produzir o *desconhecimento dos limites* do conhecimento que torna possível e contribuir para o esforço simbólico de suas sanções aos limites e as barreiras lógicas e gnosiológicas impostas por um tipo determinado de condições materiais de existência. (Bourdieu 1998, p.46)

Se a religião cumpre funções sociais, tornando-se, portanto, passíveis de análise sociológica, tal se deve ao fato de que os leigos não esperam da religião apenas justificações de existir capazes de livrá-los da angústia existencial da contingência e da solidão, da miséria biológica, da doença, do sofrimento ou da morte. Contam com ela para que lhes forneça justificações de existir em uma posição social determinada, em suma, de existir como de fato existem, ou seja, com todas as propriedades que lhes são inerentes. (Bourdieu 1998, p.48).

A religiosidade reveste-se de um caráter intensamente pessoal muitas vezes considerado parte integrante da essência de qualquer experiência religiosa. Assim como a virtude segundo Aristóteles, a religiosidade pessoal (e, em geral, toda forma de “vida interior”) “exige certa disponibilidade”. (Bourdieu 1998, p.49).

“É bastante sugestiva a tentativa weberiana de caracterizar as grandes religiões universais através dos grupos profissionais ou classes que desempenham um papel determinante em sua propagação, sobretudo porque nestes estudos Weber procurou indicar o princípio do estilo próprio a cada uma das grandes mensagens originais: ‘caso se queira caracterizar de modo sucinto os grupos sociais que foram os portadores e os propagadores das religiões universais, pode-se indicar: para o Confucionismo, o burocrata ordenador do mundo, para o Hinduísmo, o mágico ordenador do mundo, para o Budismo, o monge mendigo errante pelo mundo, para o Islamismo, guerreiro conquistador do mundo, para o Judaísmo, o comerciante que percorre o mundo, para o Cristianismo, o camarada artesão itinerante. Todos esses grupos agem não como os porta-vozes de seus ‘interesses de classe’ profissionais ou materiais, mas enquanto portadores ideológicos do tipo de ética ou de doutrina da salvação que melhor se harmonizava com sua posição social”. (W.u.G., pp.400-401). (Bourdieu 1998, p.52).

Pelo fato de que a posição das instâncias religiosas, instituições e indivíduos, na estrutura da distribuição do capital religioso determinam todas as suas estratégias, a luta pelo monopólio do exercício legítimo do poder religioso sobre os leigos e da gestão dos bens de salvação organiza-se necessariamente em torno da oposição entre (I) *a igreja e o profeta e sua seita* (II). Na medida em que consegue impor o reconhecimento de seu monopólio e também porque pretende perpetuar-se, a Igreja tende a impedir de maneira mais ou menos rigorosa a entrada no mercado de novas empresas de salvação (como por exemplo, as seitas, e todas as formas de comunidade religiosa independente), bem como a busca individual de salvação (por exemplo, através do ascetismo, da contemplação e da orgia). (Bourdieu 1998, p. 58).

Ademais a igreja visa conquistar ou preservar um monopólio mais ou menos total de um *capital de graça institucional ou sacramental* (do qual é depositária por delegação e que constitui um objeto de troca com os leigos e um instrumento de poder sobre os mesmos) pelo controle do acesso aos meios de produção, de reprodução e de distribuição dos bens de salvação (ou seja, assegurando a manutenção da ordem no interior do corpo de especialistas) e pela delegação do corpo de sacerdotes (funcionários do culto intercambiáveis e, portanto, substituíveis

do culto do ponto de vista do capital religioso) do monopólio da distribuição institucional ou sacramental e, ao mesmo tempo, de uma autoridade (ou uma graça) de função (ou de instituição). Com isso, os sacerdotes ficam dispensados de conquistar ou confirmar a todo o momento sua autoridade, e protegidos das consequências do fracasso de sua ação religiosa. (Bourdieu 1998, p. 58-59).

Produto da institucionalização e da burocratização da seita profética (com todos os efeitos correlatos de 'banalização'), a igreja apresenta inúmeras características de uma burocracia (delimitação explícita das áreas de competência e hierarquização regulamentadas das funções, com a racionalização correlata das remunerações, das 'nomeações', das 'promoções' e das 'carreiras', codificações das regras que regem a atividade profissional e a vida extraprofissional, racionalização dos instrumentos de trabalho, como o dogma e a liturgia, e da formação profissional etc) e opõe-se objetivamente à seita assim como a organização ordinária (banal e banalizante) opõe-se a ação extraordinária de constelação da ordem ordinária. (Bourdieu 1998, p. 59-60).

Em relação ao poder político e religioso vemos que, a manutenção da ordem simbólica contribui diretamente para a manutenção da ordem política, ao passo que, a subversão simbólica da ordem simbólica só consegue afetar a ordem política quando se acompanhar por uma subversão política desta ordem. Esta afirmação ocorre em detrimento da interação de dois fatores e processos: a) a autoridade propriamente religiosa e a força temporal que as diferentes instâncias religiosas podem mobilizar em sua luta pela legitimidade religiosa dependem diretamente do peso dos leigos por elas mobilizados na estrutura das relações de força entre as classes; b) em consequência, a estrutura das relações objetivas entre as instâncias que ocupam posições diferentes nas relações de produção, reprodução e distribuição de bens religiosos, tende a reproduzir a estrutura das relações de força entre os grupos ou classes, embora *sob a forma de transfigurada e disfarçada* de um campo de relações de força entre instâncias em luta pela manutenção ou pela subversão da ordem simbólica. (Bourdieu 1998, p.69-70).

Ainda em relação ao Poder Político e Religioso, vemos que a Igreja contribui para a manutenção da ordem política, ou seja, para o reforço simbólico das divisões desta ordem através de sua função específica que é contribuir para a manutenção

da ordem simbólica: a) seja pela imposição e vinculação dos esquemas de percepção, pensamentos comuns por ocasião da festa ou da cerimônia religiosa que utiliza a eficácia simbólica dos símbolos religiosos, visando reforçar sua eficácia simbólica reforçando a crença coletiva em sua eficácia; b) E ainda seja em lançar mão da autoridade propriamente religiosa de que dispõe para combater no terreno propriamente simbólico, as tentativas proféticas ou heréticas de subversão da ordem simbólica. Por estar investida de uma função de manutenção da ordem simbólica devido a sua posição na estrutura do campo religioso, a Igreja contribui sempre para a manutenção da ordem política. Embora a Igreja contribua para a conservação da ordem política ao contribuir para a conservação da ordem religiosa, não elimina as tensões e os conflitos entre poder político e poder religioso. (Bourdieu 1998, p.70:72)

Não há dúvida de que a revolução simbólica supõe sempre uma revolução política, mas a revolução política não basta por si mesma para produzir a revolução simbólica que é necessária para dar-lhe uma linguagem adequada, condição de uma plena realização. Se for verdade que a revolução política só encontra sua plena realização através da revolução simbólica que a faz existir plenamente dando-lhe os meios de pensar-se a si própria em sua verdade, ou seja, como inaudita, impensável e inominável, segundo todos os crivos antigos, em lugar de tomar-se por qualquer uma das revoluções do passado; se é verdade que toda revolução política exige a revolução dos sistemas simbólicos que a tradição metafísica designa pelo nome de *metanoi*, também é certo que a conversão dos espíritos como revolução em pensamento é uma revolução apenas junto aos espíritos de antemão convertidos dos profetas religiosos, os quais, não podendo pensar os limites de seu poder, ou seja, de seu pensamento do poder, não podem dar os meios de pensar o impensável em que consiste a crise sem, ao mesmo tempo, impor o impensado em que consiste a significação política da crise, tornando-se destarte culpados, sem o saber, do *roubo de pensamentos* que lhes é impingido. (Bourdieu 1998, p. 77-78).

2.3 O TRÂNSITO RELIGIOSO LOCAL: ENTRE O ESPIRITUAL E O MATERIAL

Antes de falar propriamente da Cidade Estrutural no seu aspecto 'religioso' não tem como não se reportar a Berger (1985) no texto: *Religião e Construção de Mundo*, onde o mesmo afirma; "Toda sociedade é um empreendimento de construção de mundo, onde a religião ocupa um lugar destacado neste empreendimento". Neste mesmo texto ele continua enfatizando o tema sociedade de forma bem apropriada fazendo relação com o tema religião.

Para Berger (1985), a sociedade é um fenômeno dialético por ser um produto humano, que retroage sobre o seu produtor. Ela é um produto do homem, não podendo haver realidade social sem o homem, sendo este também produto da sociedade. Toda biografia individual é um episódio dentro da história da sociedade, que a precede e lhe sobrevive. A sociedade existia antes que o indivíduo nascesse, e continuará a existir após a sua morte. É dentro dela que ele se torna uma pessoa, que atinge uma personalidade, que se aferra a ela, e que leva adiante seus vários projetos que constituem a sua vida. O homem é um ser social e, por conseguinte não pode viver independentemente e da sociedade. A assertiva de que o homem é produto da sociedade e esta é produto do homem não se contradizem. Refletem, pelo contrário o caráter inerentemente dialético do fenômeno social.

O homem não só produz um mundo como também se produz a si mesmo. Essa produção passa pela produção de valores que se sente culpado quando os transgride. Ele forja instituições, que o enfrentam como estrutura controladora e intimidadora do mundo externo. (Berger 1985).

A sociedade confere ao indivíduo não só um conjunto de papéis, mas lhes designa uma identidade, passando a funcionar como a ação formativa da consciência individual. (Berger 1985).

A religião vem a ser um empreendimento humano onde se estabelece um cosmos sagrado, esse cosmos que transcende e inclui o homem na sua ordenação fornece o supremo escudo do homem contra o terror da anomia. A religião

representa a auto-exteriorização do homem pela infusão dos seus próprios sentidos sobre a realidade. Ela é a ousada tentativa de conceber o universo inteiro como humanamente significativo. (Berger 1985).

A religião foi historicamente o instrumento mais amplo e efetivo de legitimação, e esta serve para manter a realidade que está definida numa coletividade humana particular, no qual os homens existem nas suas vidas cotidianas. É provável que, nas situações de intenso sofrimento, a necessidade de significado é tão forte quanto à necessidade de felicidade, ou talvez maior. Simplificando, as Teodicéias fornecem aos pobres um significado para sua pobreza, mas podem também prover os ricos de um significado para suas riquezas. (Berger 1985).

Berger (1985) finaliza seu texto falando da alienação, tema bastante significativo na conjuntura religiosa e assim ele descreve: “alienação, processo onde a relação dialética entre o indivíduo e o mundo é perdida para a consciência. O indivíduo “esquece” que este mundo foi e continua a ser co-produzido por ele. A consciência alienada é uma consciência que não é dialética”.

A religião tem sido um dos mais eficientes baluartes contra a anomia ao longo da história humana. Este fato está relacionado à propensão que a religião tem de se tornar alienante. A religião tem sido uma poderosa força de alienação. Além disso, e no mesmo sentido, a religião tem sido uma forma de falsa consciência muito importante. (Berger 1985).

Sem chegar ao extremo de *igualar* a religião e alienação afirmaríamos que o papel histórico da religião nas tarefas humanas de construção e manutenção do mundo é em grande parte devido ao poder de alienação inerente a religião. (Berger 1985, p.102).

A essência de qualquer alienação é a imposição de uma inexorabilidade fictícia ao mundo construído pelo homem. Quando a alienação é legitimada religiosamente, aumenta-se muito a independência desses poderes, tanto no nomos coletivo quanto na consciência individual. (Berger 1985, p.107).

Embora a religião tenha uma tendência intrínseca para legitimar a alienação, há também a possibilidade de que a desalienação possa ser legitimada pela religião em casos históricos específicos. (Berger 1985, p.108).

Diante de todo o acima descrito a partir de Berger (1985), reporto-me a Cidade Estrutural com o seu trânsito religioso local.

Como já vimos no capítulo inicial, é uma localidade que cresceu ao redor do Lixão, o nome da localidade desde seu surgimento enquanto cidade está associada a este substantivo. Isto acontece há mais ou menos 14 anos quando da sua fundação/criação.

Agora o que a difere das demais satélites do Distrito Federal é à razão de sua criação, enquanto as outras foram sendo invadidas por pura especulação midiática, incentivo eleitoreiro, outras ainda destinadas a uma população específica (Riacho Fundo I), como por exemplo, pessoas portadoras de necessidades especiais e/ou outras limitações. E ainda outras que já existiam antes mesmo da fundação de Brasília como Planaltina e outras ainda que nasceram junto com a Nova Capital do país. Enfim, todas as cidades satélites possuem suas características específicas e a Estrutural também não fugiu ao padrão.

O Brasil dado a sua extensão demográfica, associado ao processo de colonização, traz consigo uma diversidade de crenças e valores e ainda a liberdade de expressão religiosa, dando espaço a um sincretismo religioso generalizado. O Estado é laico, mas a diversidade de crenças e religiões instalada nesta nação não deixa nada a desejar.

Brasília, Brasil, é a mesma coisa, também não fica nada a desejar, pois neste pequeno quadrado no centro deste país continente, se concentra o maior número de religiões e/ou segmentos religioso do país, numa população de mais ou menos dois milhões de habitantes. E neste Distrito Federal o local onde mais se concentra estes segmentos religiosos é a CidadeEstrutural.

A Cidade Estrutural está apenas com 11 anos de existência oficial, comporta uma população de trinta e cinco mil e oitocentos e um habitante (CODEPLAN 2013), é detentora de muitos problemas sociais, econômicos, familiar, laboral e de forma

ainda velada, religioso também. A população pelo seu aspecto deixa transparecer certo despreparo associado a uma orfandade de toda ordem para enfrentar esta problemática.

A aspiração de todo homem é ser liberto da miséria, encontrar com mais segurança a subsistência, a saúde, um emprego estável, excluindo qualquer opressão e situações que ofendam a sua dignidade de homem. Embora haja esta aspiração um número significativo destes homens está condenado a viver em condições que torna ilusório este legítimo desejo.

A Igreja nunca descurou a promoção humana dos povos as quais levava a fé em Cristo. Os seus missionários construíram não só igrejas, mas escolas, universidades, hospitais, dentre tantas outras obras de assistência e promoção humana. Ensinando aos homens a maneira de tirar melhor proveito dos seus recursos. (Paulo VI, 2008).

Esta Comunidade não sabe se por estar em processo de crescimento e desenvolvimento, mas, todos os problemas de ordem estrutural emergem de forma espontânea que por sua vez reflete no convívio familiar ou emana destes. Com esta problemática instalada, “a esperança um pouco nervosa de uma escatologia próxima e o tema da perseverança heroica no caminho da fé deixa claro as características da comunidade nascente, que ainda estão descobrindo sua vocação e missão no mundo”. (Didakê, pág.5).

Com todas estas dificuldades ora vividas pela população que a priori não encontra qualquer alternativa de mudança ou transformação em suas vidas, bem como da comunidade de um modo geral, resta-lhes apenas serem “fisgados” por seitas ou outros segmentos que lhes promovam alentos para a alma e amenizem os seus sofrimentos, nem que isto seja mais uma forma de tirar proveito das condições vulneráveis e frágeis bem como suscetíveis a todo e qualquer amparo. Estes segmentos tendem a fazer aquilo que Weber denominou como a “domesticação dos dominados”, mantendo-os na passividade e a esperar a libertação que vem do além.

Na Cidade Estrutural esta “dinâmica tem dado tão certo que apesar dos poucos anos de existência legal”, esta localidade até o ano de 2014 contava com mais de duzentos e cinquenta estabelecimentos denominados igrejas, dado

fornecido pelo Conselho de Pastores Evangélico do Distrito Federal – COPEV-DF⁴. Um número bastante significativo, levando em consideração o número total no Distrito Federal que gira em torno de cinco mil.

No Conselho foi esclarecido ainda que a maioria dessas igrejas é independente, seus responsáveis são dissidentes de outras igrejas que decidiram por si só: “quero abrir a minha”, “sem preparo prévio ou formação adequada” para tal ofício, alguns alegam que estão respondendo “a um chamado” e assim justificam suas atitudes.

O que talvez possa justificar também esta disparidade elevada de estabelecimentos religiosos é o fato de que: para se criar qualquer culto religioso não se exige requisito teológico ou doutrinário, nem tão pouco um número mínimo de fiéis ou seguidores. Com o CNPJ e o registro de qualquer denominação, tipo, “igreja caminho do jardim”, pode-se abrir uma conta bancária e nela realizar aplicações financeiras isentas de IR e IOF. Mas esses não são os únicos benefícios fiscais, nos termos do art. 150 da Constituição Federal, os templos de qualquer culto são imunes a todos os impostos que incidam sobre o patrimônio, a renda ou os serviços relacionados com suas finalidades essenciais, as quais são definidas pelos próprios criadores. Ou seja, se levar a coisa adiante pode se livrar de IPVA, IPTU, ISS, ITR e vários outros “is” de bens colocados em nome da igreja.

Há também vantagens extra tributárias. Os templos são livres para se organizarem como bem entenderem, o que inclui escolher seus sacerdotes ou pastores. Uma vez ungidos, eles adquirem privilégios como a isenção do serviço militar obrigatório e direito a prisão especial. “Até setembro de 2010 em todo o Brasil 111 igrejas”. (Vou abrir minha igreja e já volto!!! – Reportagem Folha de São Paulo, jan/11)

No Conselho de Pastores Evangélicos da Estrutural – COPE⁵, entidade criada em 2001, fui informada que existem para mais de 200 templos na linha

⁴ **COPEV-DF**: Conselho de Pastores Evangélicos do Distrito Federal, criado em 12/12/1970 com o propósito de congregar Pastores (as) Evangélicos, de caráter interdenominacional, bem como Evangelista, Missionários e Presbítero com funções pastorais recomendados pelas suas Igrejas locais.

⁵ **COPE** – Conselho de Pastores da Estrutural foi criado no ano de 2001, e segundo o pastor Onaldo Fernandes, então presidente do COPE na época do cotato afirmou que o referido Conselho ficou

pentecostal e neopentecostal, dado que embora não tenha precisão pode ir ao encontro do que a COPEV-DF forneceu que é maior ou igual a 250.

O interessante, não sei se posso me expressar desta maneira, é que a cada dia abre-se e fecha-se igrejas. Não há controle, vai muito do desejo de abrir e do desencanto ao fechar devido a não adesão da população, que a princípio me pareceu bastante subjetiva porque na fala trazida por um dos presentes na reunião do COPE não ficou clara a razão do desencanto, porque também e assim foi falado que o sujeito fecha, mas nunca esclarece o que de fato levou ao fechamento, fica-se sempre no “achismo”. Mas no fundo o sujeito deixa transparecer que não alcançou o almejado retorno financeiro.

O que chama atenção também é a formação dos dirigentes e o que os faz ficar a frente de uma igreja. Veja bem, em Encontro de pastores, realizado pelo Conselho de Pastores da Estrutural – COPE pude questionar sobre a formação acadêmica/teológica, nenhum afirmou ter curso de teologia ou filosofia ou qualquer outro que possa gabaritá-lo para a função que ocupa, sendo quase unânime a fala de todos em dizer que “estão atendendo a um chamado”. Chamado este que não deu para entender o para quê, nem qual o sentido ou razão para tal envio, muito menos ainda qual a mensagem que lhes foi designada para transmitir, porque em nenhum momento foi revelado.

Todos os pastores, presentes neste Encontro e também em cultos, afirmaram ser reminiscentes de outros segmentos, isto é, faziam parte ou eram membros ativos de outra igreja maior ou similar a que atua. Todos ainda justificam a saída das mesmas pelos mais variados motivos, quais sejam: foram convidados pelo pastor a deixar e orientados a abrir sua própria igreja; outros por desentendimento ideológico; outros por questões financeiras, pois nas decisões operacionais ou mesmo logística era requisitado, mas na divisão financeira o líder ou pastor principal agia com injustiça; ainda outro que decidia por si só abrir sua própria igreja, depois de pegar know how na pequena igreja que frequentou com este objetivo.

O que chamou atenção foi à fidelidade dos fiéis, pois todos pareceram dispostos não abrir mão da igreja que estão frequentando ou que elegeram para

“parado” até o ano de 2006 e somente em 2007 é que veio assumir suas funções, que tem como objetivo criar uma ética para as igrejas, e esta passa pela formação de pastores.

manifestar ou mesmo expressar a sua fé, embora, como seus pastores, são também reminiscentes de outras igrejas. Esta situação deixa claro que existe um grau de “adequação” que foi favorecido pelas condições históricas, sociais e culturais entre as partes e que assim se consolidou o processo de *attractio electiva*, pois houve uma seleção recíproca, reforço mútuo e quem sabe uma “simbiose” entre as duas figuras espirituais. Tal problemática segundo Löwy (2011), está implicitamente presente na obra de Weber, mas raramente é desenvolvida.

Além ou associado à questão das Afinidades eletivas, pode-se perceber também que “ocorre uma ‘bricolagem de crenças’, uma individualização e liberdade na dinâmica de construção dos sistemas de fé”. Percebe-se ainda que, “as crenças se disseminam. Conformam-se cada vez menos aos modelos estabelecidos. Comandam cada vez menos as práticas controladas pelas instituições”. (Hervieu-Léger, 2008).

Ainda no Encontro de pastores, foi possível contatar com alguns destes e dentre eles dois afirmaram ter curso superior, um fez curso de Teologia e Logística, já o outro, no caso pastora detém o curso de Gestão em Recursos Humanos e leciona no Instituto Federal de Brasília.

O que possui curso de teologia se diz “vacionado para pastorear”, por isso não possui nenhuma atividade laboral para seu sustento, sobrevive apenas como pastor, em Bourdieu (1998), “ao fazer uso do capital simbólico, o dominante busca se manter e usa este capital como *base* e assim tende a defender a ortodoxia”. Os demais possuem fontes de renda variadas, mas, dois se disseram micro empresário, pois possuem caminhões; outro além de caminhão possui alguns imóveis alugados e outro trabalha em um Conselho profissional.

O que chama atenção na história dessas pessoas (pastores), é que fizeram questão de dizer que *antes viviam de aluguel* nas satélites onde moravam, hoje não possuem mais este problema, estão em casa própria (espaço cedido para a igreja), mas apenas a sala é utilizada para este fim. Observa-se o uso da instituição igreja em seu benefício, além da arrecadação do dízimo de uma população que possui uma renda per capita entre R\$ 400,00 e um Salário mínimo, na sua grande maioria.

Embora e apesar de toda essa situação a cidade só “cresce” não havendo ainda um plano urbanístico que delimite e até mesmo ponha um freio às especulações imobiliárias. Nestas invasões/especulações também estão às igrejas ou segmentos pentecostais, que a cada dia só vem aumentando seu número.

Os segmentos neopentecostais e seus membros são muito solidários entre si. Fazem questão de conhecerem uns aos outros, incentivam os empreendimentos uns dos outros, no caso igreja e também buscam apoio entre si quando o empreendimento não tá dando certo, isto é, o número esperado de adeptos (fieis) não foi alcançado. É comum entre eles comercializarem seus “empreendimentos”, desta forma quem adquire termina por fortalecer mais a sua igreja além de ampliá-la, pois desta forma cria-se uma filial e o número de fiéis seguidores aumenta e, por conseguinte as contribuições (dízimos). Não foi percebido competição entre eles, mas somente uma corrida na tentativa de alcançar o maior número possível de seguidores para sua igreja.

A dinâmica descrita demonstra o funcionamento da religião como um sistema de estruturação, pois, como afirma Bourdieu (1998), “constrói a experiência, ao mesmo tempo em que a expressa (...), consagra ou legitima na medida em que ocupa uma posição determinada na estrutura social”. Os segmentos frequentemente promovem convenções das igrejas, nas quais apresentam seus feitos e conquistas. Convidam membros da mesma igreja, que são de outras cidades satélites para pregar ou fazer apresentação de cânticos, pois algumas possuem coral, fazem de tudo para se confraternizarem de forma conjunta, não isoladamente.

Os fiéis católicos contam que, este segmento surgiu na Cidade Estrutural a partir da construção da Capela Nossa Senhora da Esperança, edificação muito modesta que contou com a ajuda dos moradores. Inicialmente ficou vinculada a Paróquia Nossa Senhora das Dores, Cruzeiro Velho-DF, na tentativa desta prestar assistência espiritual e social aos moradores daquela comunidade que estava se formando.

Ainda segundo os fieis as missas na capela aconteciam de forma semanal, primeiro as quintas feiras, depois aos domingos, devido ao excesso de compromisso do Padre, que também havia de cuidar de suas paróquias. No que diz respeito às

atividades pastorais, aos poucos foram sendo criadas, havia catequese que preparava para a primeira Eucaristia, pastoral do Batismo, e se realizava também o curso preparatório para o Sacramento do Matrimônio, todas essas atividades eram orientadas pelos padres João e Jairo das Paróquias Nossa Senhora das Dores e Igreja Santa Teresinha, respectivamente. Mas as exigências inerentes ao crescimento de uma cidade foi dificultando esta assistência, o que levou a “transferência” dessas atividades para a Associação Lúmen Dei (ABC – PRODEIN).

A Associação chegou ao Brasil no final do ano de 2003, tendo oficializado sua chegada em 11 de junho de 2004 com a denominação ABC – PRODEIN⁶ conforme registro na Receita Federal. Desde sua chegada vem desenvolvendo atividades na Cidade Estrutural. O objetivo conforme seu Estatuto é: Promoção do Desenvolvimento Integral da pessoa humana, independente de raça, credo ou classe social, tanto em sua parte espiritual como material (cultura, educação, produção e religião), tudo exclusivamente dentro dos princípios do Evangelho de Jesus Cristo e da Tradição oral e escrita da Palavra de Deus. (Estatuto em anexo).

Em 29 de julho de 2005 foi lançada a pedra fundamental da Paróquia Nossa Senhora do Encontro com Deus e iniciou reconstrução da Capela Nossa Senhora da Esperança por Dom João Brás de Aviz, Arcebispo de Brasília, na época. A partir de então foi concretizado de forma oficial os trabalhos da ABC-Prodein na Cidade Estrutural, trabalhos de evangelização e de cunho social.

Com a chegada desta Instituição, foi possível perceber uma mudança considerável e de forma progressiva no local: acréscimo populacional, as ruas foram sendo calçadas, os serviços públicos aos pouco foram sendo instalados; e o comércio local deslanchou assustadoramente. Apesar de o progresso ter se consolidado a marginalidade ainda ronda a comunidade, ou não deixou de fazer parte da mesma.

A contribuição que a ABC-Prodein vem dando de forma significativa para o desenvolvimento e progresso local se dá através da Creche São José Operário que

⁶ ABC-PRODEIN: Associação Benéfica Cristã Promotora do Desenvolvimento Integral, é uma sociedade civil, sem fins lucrativo, destinada às atividades beneficentes de natureza espiritual, cultural, educacional e de assistência social a crianças, adolescentes e idosos, notadamente visando a promoção humana de pessoas e famílias dentro dos princípios do Evangelho e da Doutrina Social da Igreja Católica Apostólica Romana.

atende mais de 200 crianças com idade entre 3 e 4 anos, todas provenientes de famílias carentes e residentes no próprio local. O objetivo desta creche é formar a criança desde sua mais tenra idade a partir de valores morais e religiosos, ocupá-las com atividades saudáveis, evitando a ociosidade bem como oferecer alimentação adequada para o seu crescimento físico e psicológico. Tudo de acordo com o que reza seu Estatuto.

Há mais ou menos três anos (2013), uma nova Paróquia foi criada, também ligada a Arquidiocese, localizada na extremidade da Cidade Estrutural a partir dela já se construiu uma nova Capela localizada no ponto mais crítico da Vila, isto é, bem próxima do Lixão, desta forma a população cristão-católica ficou com mais uma opção no sentido de proximidade para professar sua fé.

Como toda Paróquia a preocupação do pároco também passa pela questão do bem-estar social e a qualidade de vida dos paroquianos, com isso vem encampando campanhas e projetos na tentativa de promover condições que possam garantir melhores meios de sobrevivência da população através de cursos profissionalizantes. Sem deixar de lado a assistência as pastorais no sentido lato da palavra e as visitas aos paroquianos quando solicitado.

Tem procurado ainda, cultivar e valorizar a cultura e a piedade popular com festas do padroeiro, reza do terço nas casas, procissões, novenas e outras festas relacionadas à piedade popular como as festas juninas, por exemplo. Além de promover bingos, rifas e sorteios a partir de doações recebidas para angariar fundos com o objetivo de construir a igreja, hoje feita de lona/toldos de plástico.

Todas essas atividades acontecem na outra paróquia também, mas infelizmente, embora seja a mesma igreja, católica apostólica e romana e pertencerem à mesma Arquidiocese, trabalham separadamente, sem apoio mútuo, ou seja, não há incentivo e apoio de uma para com a outra, pelo contrário, há um cisma entre ambas, até entre os “fiéis” tentam impor esta cisão. Estas tensões e até competições ou luta para Bourdieu(1998), são inerentes a todo o campo, seja político, artístico ou religioso. E ainda, os paroquianos que frequentam a Igreja/capela que está sob a responsabilidade da Paróquia X não podem participar como membro ativo das atividades/pastorais da Paróquia Y, até para o Sacramento

do Batismo ser efetivado tem que haver autorização do pároco da Paróquias que a pessoa quer ser batizada, embora tenha feito o curso preparatório e já esteja apta para receber o Sacramento. Os dirigentes, no caso os párocos não percebem que a Comunidade está atenta a estes comportamentos/atitudes e que consideram uma contradição em relação a tudo o que eles pregam, mas, mesmo assim, esta comunidade considera-os como “dois grandes padres ungidos”.

Os fiéis demonstram tristeza, afirmando que Cristo era a favor da união, da paz e da fraternidade. E em nenhum momento essas Paróquias (párocos) se unem. Podiam somar esforços, orações e súplicas junto a Deus para a melhoria e bem-estar da Comunidade, bem como conquistar e trazer para as Igrejas mais fiéis seguidores da Palavra. Mas Bourdieu (1998) justifica esta situação ao afirmar que: por o sacerdote ter sua autoridade legitimada pela função e pela posição ocupada no campo religioso, se ver dispensado da obrigação de ter que conquistar seus seguidores e adeptos.

Talvez essa venha a ser uma das maiores diferenças entre a igreja Católica e as igrejas Protestantes/evangélicas, que estão sempre a buscar, acolher, confraternizar e somar esforços na tentativa de adquirirem mais adeptos – não importando as condições – bem como incentivar, apoiar os irmãos no crescimento de suas igrejas. Também lutam, criam estratégias para conseguir seguidores, quanto mais prejudicado estiver o sujeito na sua condição e dignidade humana melhor, enfim esta tem sido uma característica das igrejas da VE. Em Bourdieu (1998), esta característica está de acordo com o sistema simbólico estruturado, onde “a religião permite a legitimação de todas as propriedades características de um estilo de vida singular, propriedades *arbitrárias* que se encontram objetivamente associados a um grupo ou classe, na medida em ocupa uma posição na Estrutura Social”.

Em contatos realizados ainda, com moradores, quase todos protestantes, foram unânimes em afirmar que tiveram uma boa acolhida nas igrejas que frequentam e que o pastor conhece a todos e os chama pelo nome. A maioria dessas pessoas que estão nessas igrejas é proveniente de outras do mesmo estilo, ou seja, são dissidentes, configurando uma “afirmação de crença desvinculada de uma pertença específica”. (Hervieu-Léger, 2008).

Muitos deles nasceram em “famílias católicas”, ou seja, foram batizados na igreja católica, alguns fizeram catequese, mas não eram assíduos e aos poucos iam/foram se afastando, embora os pais mandassem que fossem, “porque era bom”, mas como não viam os pais frequentarem, vieram os questionamentos e para o abandono foi o suficiente. Esta situação pode ser vista como diria Hervieu-Léger (2008): “disjunção das crenças e das pertenças confessionais”.

Devido a esta situação ficaram “vagando” por igrejas como se tivessem experimentando, avaliando e tentando compreender ou mesmo encontrar Deus naquele lugar, nas palavras de Hervieu-Léger (2008) “a religiosidade está em toda parte. Religiões ‘à la carte’”; ou ainda procurando se identificar com a instituição através do pregador e seus seguidores. Muitos se disseram ‘tocados’, novamente as palavras de Hervieu-Léger “crenças relativas novas elaborações sincréticas: a religiosidade vagante”; outros por receberem o convite e sedento da palavra, ficaram, e o sentimento de pertença, do fazer parte de um grupo, do ser escolhido aflorou fazendo com que eles não se disponham a deixar esta crença, pois tem sido bastante confortador além de ter reconhecimento e a ‘garantia’ de um lugar no mundo.

Foram questionados ainda sobre o porquê deixaram a igreja anterior, as respostas eram simples: mudança de endereço; não era praticante, apenas seguia os ritos, mas sem saber o significado; nada mudava na vida; outros não sabem; outros ainda por amor a Jesus; descobriu a verdade sobre Deus e sobre a vida. Enfim foram estas as respostas obtidas, que foi difícil encontrar justificativas para tanta simplicidade.

Outro ponto levantado foi a respeito da mudança pessoal e melhoria de vida na comunidade, as respostas também foram bastante surpreendentes, quais sejam: se tornou uma nova pessoa, fazendo o bem e andando no caminho certo; tira as pessoas das drogas, da prostituição e vícios; quando aceitou Jesus mudou materialmente e espiritualmente, construiu família e financeiramente a vida mudou também; ora por cura e libertação, o ser se completa, em tudo se sente bem, evangeliza e ajuda as pessoas nas necessidades; largou o vício, resgatou a paz na família; resgatar as pessoas das drogas, fala do amor e do temor de Deus; tira as

peessoas de situações marginais, ajuda na saúde e dá sentido de família; salva almas, ver vidas transformadas; resgate da identidade e missão pessoal.

3. A PRECARIEDADE SOCIOECONÔMICA COMO INSTRUMENTO RELIGIOSO DE COMPENSAÇÃO SOCIAL

Durante a guerra fria os Países foram separados em Três Mundos, eram classificados de acordo com seus aliados e estavam associadas à grandeza econômica de cada País (entre 1945-1990) a essa subdivisão do mundo por grandeza econômica deu-se o nome de Teoria dos Mundos. Depois deste período as diferenças entre os mundos se combinam em vários aspectos, tendo a teoria caído em desuso. Passou-se a ser usado o termo de Países Desenvolvidos e Países Subdesenvolvidos. Atualmente com a Globalização tornou obsoleta esta divisão porque há uma parte da população que dispõe dos mesmos padrões de consumo dos primeiros. E nos países desenvolvidos há uma parcela tão excluída quanto a que habita nos países pobres.

Antes de adentrarmos no tema propriamente dito, faz-se necessário uma breve explanação sobre o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), e sua abordagem que procura olhar diretamente para as pessoas, suas oportunidades e capacidades. A renda é importante, mas como um dos meios do desenvolvimento e não como o seu fim. É uma mudança de perspectiva: com o desenvolvimento humano, o foco é transferido do crescimento econômico, ou da renda, para o ser humano.

Mas o que vem a ser o IDH (Índice de Desenvolvimento Humano)? É uma medida que avalia a qualidade de vida e o desenvolvimento econômico de uma população, e essa medida varia de 0 a 1. Foi criado pelo economista paquistanês Amartya Sen. Intencionou ser uma medida geral e sintética, que apesar de ampliar a perspectiva sobre o desenvolvimento humano, não abrange nem esgota todos os aspectos do desenvolvimento. É utilizado pelo PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento), órgão da ONU (Organização das Nações Unidas), desde 1993. Onde este utiliza critérios avaliativos, quais sejam: renda, longevidade e educação. A renda diz respeito ao PIB (Produto Interno Bruto) per capita dividido pelo número de habitantes ou padrão de vida da população; Longevidade ou expectativa de vida, esse é calculado considerando, além da taxa de mortalidade, a expectativa de sobrevivência da população residente na região em que o indivíduo

nasceu. Fatores como saúde, educação, situação socioeconômica, criminalidade, poluição, dentre outros, são determinantes para uma maior ou menor expectativa de vida; e por fim a Educação, esta diz respeito a taxa de alfabetização e a taxa de matrícula e também o acesso ao conhecimento.

Todos os fatores utilizados na medição deste índice estão relacionados com a qualidade de vida que por sua vez está intrinsecamente relacionado com a questão de saneamento básico que, segundo a Lei Ordinária número 11.445 de 05 de janeiro de 2007, estabelece as diretrizes básicas nacionais para o saneamento, que define saneamento básico como: “o conjunto de serviços, infraestruturas e instalações operacionais de: *abastecimento de água potável, esgotamento sanitário, limpeza urbana, manejo de resíduos sólidos e drenagem, manejo das águas pluviais*”.

Não importa a definição que se dê a saneamento básico, o fato é que ele está relacionado essencialmente com as condições de saúde da população, além de envolver medidas de educação desta mesma população em geral e conservação ambiental.

Os fatores descritos acima formam um conjunto necessário para se medir o índice de desenvolvimento, seja de um país, seja de uma cidade ou de um município.

Neste estudo faz-se necessário ter ciência desta inter-relação tão importante quanto essencial para a compreensão da realidade ora pesquisada da Vila Estrutural – DF, que dista há menos de 15 km do Congresso Nacional.

Em reportagem da IstoÉ – Brasil, de edição número 1776 de 15 de outubro de 2003 temos a seguinte manchete: **Noruega candanga** – Brasília tem o maior IDH do Brasil. Se o Lago sul da capital fosse um país independente, seria o de melhor qualidade de vida do mundo. E a reportagem segue da seguinte forma: os brasileiros costumam definir Brasília como a Ilha da fantasia, uma espécie de Oásis, fora da realidade nacional, tanto pela renda per capita, mais elevada do país, como pela qualidade dos serviços públicos (...) o Distrito Federal foi classificado pelas Nações Unidas com o IDH de 0,849, o mais elevado entre todos os Estados brasileiros. (...). Mas o impacto da qualidade de vida no DF fica ainda mais evidente com o cálculo do IDH de Brasília e cada um dos bairros e cidades satélites de forma isolada. Pelo

estudo feito pela Secretaria de Planejamento e Coordenação de Brasília, o Lago sul, moradia de cerca de 28 mil privilegiados, teria 0,945 de IDH, o mais alto do mundo, superando a líder Noruega com os seus 0,942. Este estudo, feito obedecendo aos parâmetros da ONU e usando dados do IBGE e de levantamentos locais para que o governo pudesse ter a noção exata das desigualdades existentes entre as várias regiões do DF. A Noruega candanga do Lago sul espanta ainda mais no índice da renda per capita que chega ao máximo de 1, não atingido por nenhum lugar do mundo. (...) “Hoje 30% da mão de obra empregada na Capital vem do Entorno (um aglomerado de municípios pobres e miseráveis em Goiás e Minas Gerais que não param de crescer em termos populacionais, mas em condições precárias de vida). Os índices de criminalidade são maiores exatamente nas áreas próximas. Brasília segue sendo um ímã, atraindo pessoas. Se não oferecermos melhores condições de vida, de trabalho, de moradia nos locais mais pobres, vai chegar o dia em que as pessoas virão pegar sua parte armada”.

Em outra reportagem datada de 2012 está estampado: ‘Se o Lago sul fosse um país independente, teria a melhor qualidade de vida do Planeta. É o endereço de muitos funcionários do alto escalão de Executivo, Legislativo, além dos políticos no DF. Embora a pesquisa tenha acontecido no ano 2000, a gerente da CODEPLAN, Iraci Peixoto, esclarece que os dados podem ser considerados atuais, pois outros estudos feitos depois do ano 2000 mostram que pouca coisa mudou e acrescenta que a coisa melhorou ainda mais na região. No entanto, a gerente esclarece que isso não é motivo para se comemorar, levando em consideração a enorme desigualdade entre as regiões administrativas do DF. O Lago sul tem o IDH pelo menos 15 vezes maior que a Estrutural, que tem o menor índice do DF. Além disso, a renda per capita (por pessoa) das duas cidades também é bastante diferente. O Lago sul ganha 19 vezes mais que a Estrutural. (Estudos feitos respeitando as indicações da ONU e dados do IBGE).

A expectativa de vida com maior índice em 2000 era o Lago sul com idade média de 72,45 anos, enquanto o menor era Cabeceiras – GO, com 67 anos. Dez anos depois, o Lago sul continua em primeiro no ranking da Longevidade, com idade média de 82 anos. E o pior índice passou a ser ocupado pela Cidade Estrutural com 70,3 anos.

Pois bem, enquanto o Plano Piloto, Lago sul, Sudoeste/Octogonal apresentam um IDH considerado ‘muito alto’ no Atlas do Desenvolvimento Humano das Regiões Metropolitanas, com pontuação que variou entre 0,955 a 0.957, muito próxima à pontuação máxima da escala que é 1. A Cidade Estrutural apresentou a menor pontuação com índice de 0.616, considerado “médio”. Juntamente com a Cidade Estrutural estavam bairros de outras cidades satélites, além de quadras residenciais, também de Satélites.

É neste cenário da Cidade Estrutural (objeto do estudo) que vamos perceber “A precariedade socioeconômica como instrumento religioso de compensação social”. Uma cidade que nasceu às margens do Lixão, popularmente conhecido como o Lixão da Estrutural (maior Lixão a céu aberto da América Latina), que recebe diariamente 9.000 toneladas de lixo. Sendo este material fonte de renda e sobrevivência para a maioria dos seus moradores, dele se tira tudo e de tudo se aproveita. Mas esse tudo não é suficiente para se manter nem atender as necessidades básicas do ser humano.

Como foi visto no capítulo anterior, a Cidade carece também de recursos comunitários que proporcione lazer, como clubes, praças com quadras poliesportivas, playground, parques, jardins, etc, tornando-se árida, inóspita e escassa a vida social e cultural, obrigando seus moradores a buscarem lazer em outras localidades, isto quando possui condição financeira, o que é muito raro, mesmo assim quando acontece ainda sofrem discriminação/preconceito, enfim são estigmatizados. Então, a vida da população se resume em do trabalho para casa e de casa para o trabalho.

Mas o ser humano se supera a cada dia mesmo levando uma vida como a que tem na Estrutural. Por natureza é um ser social, portanto é inerente dada esta condição travar relação ou se relacionar com seus pares e na Cidade Estrutural por excelência, não é diferente, pois é comum encontrar pessoas nas ruas (pequenos grupos), crianças brincando no meio da rua, literalmente, seja de bola, ou com seus cachorros (e como tem cachorro ali!), soltando pipas e outras brincadeiras, enfim, é uma população muito exposta as adversidades e a própria sorte, isto se justifica pelo tamanho das moradias, onde a área construída ocupa todo o lote sem deixar qualquer área livre como quintal ou jardim, além das construções não ser das

melhores, pois sempre falta luminosidade natural bem como ventilação, isso tudo associado ao tipo de material que a casa foi construída, madeirite ou alvenaria, que muitas vezes são provenientes do Lixão.

Isto me faz lembrar Cristóvão Buarque quando afirma: “O sistema global produz pessoas descartáveis, que passam a viver do descarte do consumo. Como se os seres humanos fossem lixo, vivendo do lixo dos ricos. O descarte social e o descarte do consumo se unindo, um vivendo do outro”. (in Bursztyn, 2000)

Ainda citando Cristóvão Buarque: “... o que há de mais imoral na realidade do começo do século XXI: que é o lixo que une os incluídos e os excluídos da modernidade”. (in Bursztyn, 2000).

A este cenário de rua acrescentam-se outros personagens que são os usuários de álcool e drogas que disfarçadamente está convivendo ou dividindo o mesmo espaço. Se encontra com frequência também vendedores ambulantes com os mais variados tipos de mercadorias, como: bacias, baldes, toalhas: cama, mesa e banho, além de brinquedos. Há sempre uma construção à vista, seja de casa, barraco ou mesmo um “puxadinho”. Tem-se também o hábito de lavar a rua, então o desperdício de água é gritante.

A aparência das pessoas é boa, não transmitem tristeza ou revolta, estão sempre abertas para o diálogo, nas casas é comum ter o aparelho de som e televisão ligados, mesmo que não tenha ninguém assistindo, mas é uma forma de estarem conectados com o mundo. Embora e apesar da aparência das pessoas não ser de tristeza e dor, a carência material e estrutural é visível, falta tudo: o alimento é sempre aquele da famosa “cesta básica” e vivem desse básico o tempo todo, pois quando acaba, e isso logo acontece, aparece sempre uma “ajuda daqui ou dali”, o que não falta são pessoas querendo ajudar. Pode-se comparar as “cestas” a “iscas” e neste caso tem funcionado como tal. Junto com as cestas vem sempre o “mensageiro da palavra”, que geralmente tem seu objetivo alcançado, não só porque saciou a fome do próximo, mas porque também foi aceito junto com a oferta trazida e assim tem conseguido levar a pessoa para onde quer, seja para a igreja ou outro lugar, assim ele segue alimentando duplamente a “pessoa” ou a sua casa. Que por

interesse material e/ou espiritual vai se deixando levar e o sentimento de gratidão dará o tom da relação.

Este interesse pode passar também pela falta de educação formal, religiosa e bíblica, pois existe ainda a promessa que garante a “salvação”, o céu. Esse desconhecimento associado a carência material deixa essas pessoas susceptíveis a qualquer oferta/ajuda e “esclarecimento”.

Agora podemos nos deter ao tema deste capítulo, para tanto foram levantadas questões na tentativa de respondê-lo ou justificá-lo, questões estas respondidas por pastores, religiosos e fiéis. As questões foram as seguintes: o que justifica tantas igrejas, segmentos? Qual sua demanda? O que oferecem? Qual a intenção da oferta? O ambiente é propiciador ou não passa de um mero acaso? À proporção que as respostas eram dadas suscitava o desejo de formular outras, mas infelizmente ou felizmente era necessário deter-se apenas ao principal. Os momentos de troca foram bastante esclarecedores, pois aconteceram em ambientes de domínio público como igrejas, creche e Conselho Tutelar e de maneira informal, tornando espontâneo e amistoso o tom verdadeiro de cada resposta.

Será relatado a partir de agora as respostas recebidas, não serão identificados os autores das mesmas especificamente, mas é sabido que foram os personagens acima descritos.

Em relação à justificativa de tantos segmentos, houve várias alegações, inclusive o “não saber”, mas vamos às outras respostas a essa mesma questão: vulnerabilidade social; busca para a fé (religião); drogadição; violência e carência de um modo geral; perda da visão do reino; visão de mercado, como se a igreja fosse comércio então muitos mergulharam nesse empreendimento; questão doutrinária: preservado, conservadora e livre; teologia própria (não denominou o tipo); excesso de bares: prostituição, drogas, crimes, enganos; o evangelho deve ser pregado nem que seja por mentiras, não para mentiras; Estrutural: terra prometida, mesmo com “uma guerra que correu muito sangue em 1997/98” a cidade continuou o trabalho de conversão angariando pessoas como traficantes e usuários de drogas para Jesus; devido à liberdade se tem o direito de escolher entre o bem e o mal; falta de

compreensão da Bíblia; o homem tem obrigação de procurar a verdade, mas tem preguiça; igrejas falsas.

No que refere à demanda dessas instituições as respostas foram as mais diversas também: efetuam doações de cestas básicas. Embora as outras demandas tenham sido relatadas como: ordem de Jesus: ide e evangelizai. Ganhar almas de pessoas drogadas, que estão na sarjeta, tirá-las do anonimato, cuidar da parte social e das necessidades básicas. Porque como foi ajudado pela igreja e reconhece isso, também tem ajudado outras pessoas. O grau de carência elevado só se resolve com Jesus. Forte evangelização se faz necessária. O trabalho social é muito importante: sai pela madrugada evangelizando homossexuais tanto masculino como feminino, prostitutas, tirando pessoas de brigas, confusões e bebedeiras, na tentativa de ganhar almas para Jesus. Não sabe se há outros interesses de outras pessoas.

Em relação ao que eles têm para oferecer, não pouparam itens de respostas que foi iniciado com a: ajuda social (ajuda na construção de barraco). Doação de cestas básicas. Palavras de conforto e assim se libertam das drogas e do alcoolismo. Jesus. Cestas básicas, medicação, dinheiro para o gás. SOS de Cristo: ajuda na construção de moradias. Palavras de espiritualidade e recursos materiais. Além de Jesus, estímulo, incentivo, choque de realidade frente a Jesus. Retomar a vida, tirar do anonimato e promover o crescimento. Salvação, Jesus: é a luz do mundo, luz que ilumina a todos. Vou porque acredito. Respeito aos mandamentos, sacramentos.

Quando se questionou qual a intenção das ofertas, as respostas foram: ajudar o próximo é bíblico. Salvar almas. Mostrar Jesus como a única salvação. Os efeitos do Evangelho são detalhes, só a salvação é suficiente. Deus manda para ter uma convivência melhor com o próximo. É bom ter para dá. Ter uma comunidade de bem. Amor a Cristo e ao próximo.

Para finalizar o bloco de perguntas fez-se referência ao ambiente, se este era propiciador ou se não passava de um mero acaso. Unanimemente a resposta veio como **propiciador**, e segue as justificativas: não é acaso, Jesus nunca deu um passo sem um propósito. Aonde a palavra chega há uma mudança. É propiciador e até mais fácil, não há lazer. Intencional, a realidade obriga a contribuição com uma

mudança. Não é feito acepção de pessoas, todos são bem vindos. Encontram-se pessoas de boa fé, humildes, mas ignorantes, são presa fácil. É propiciador por causa da vulnerabilidade.

Foi necessário (julguei) perguntar qual a demanda pessoal de cada entrevistado. E veio o que se segue: Jesus! Necessidade de ajudar os irmãos a ajudarem. Necessidade interna de ajudar, o próximo é um ser humano. Vontade de ajudar, evangelizar e realizar trabalhos sociais. Formar equipe para evangelização. O projeto é abrir mais 4 (quatro) igrejas até 2019. A carência da comunidade em todos os sentidos tem gerado ignorância.

Bem, este foi o retrato deste microcampo religioso trazido por estes representantes. Dentre estes um conseguiu ser eleito como Conselheiro Tutelar e outros foram reeleitos.

Estas premissas descritas acima a partir dos questionamentos efetuados me reportam a Weber (1974): “a ética religiosa da negação do mundo conflita com as esferas econômica, política, estética, erótica e intelectual. (...) as “forças da vida deste mundo” e o cultural são a afirmação do mundo subjetivo, mas não mais do transcendente.

Norteadas por estas afirmações acima descritas vemos que havia (há?) uma comunidade desprovida e abandonada a própria sorte, estando, entretanto susceptível a qualquer oferta, e/ou ajuda externa na tentativa de sair da condição/situação em que se encontra ou se encontrava, lembrando que a pobreza/miséria sempre foi objeto de estudo do governo na intenção de equacioná-la ou erradicá-la, mas esta tem-se apresentado como uma barreira à sua própria diminuição. E foi esta condição/situação que justificou e tornou propícia a “chegada” destes “mercadores da fé”, que utilizando os mais variados recursos foram angariando fiéis para os seus segmentos, pode-se até arriscar em dizer que a precariedade socioeconômica foi eletivamente o objeto principal para a conversão e multiplicação dos segmentos, pois estes têm sido abertos com denominações que talvez tenha tocado no âmago das pessoas, por exemplo: “Diante do trono”, dentre outras. Olhando por este prisma ainda vemos a pobreza como uma janela de

oportunidades, onde se brota o “florescimento” do campo religioso, especificamente na Vila Estrutural.

Esta situação vai ao encontro daquilo que Marx (2004) em Introdução à crítica da Filosofia do Direito de Hegel afirma: “O homem faz a religião, a religião não faz o homem”. (...). “Este Estado e esta Sociedade produzem a religião, uma consciência invertida do mundo, porque eles são um mundo invertido”. Tornando: “a realização fantástica da essência humana, porque a essência humana não possui verdadeira realidade”. (pág.46).

Para este campo ou seara foi utilizado para sua conquista sem muita dificuldade tudo aquilo que se gosta de ouvir, quando se está em dificuldade ou necessidade. É o portador/mensageiro sempre se intitulando como aquele enviado e atento ao chamado de Deus, além de está em obediência a ordem de Jesus de pregar o Evangelho e ganhar almas para Ele. Diante desta situação cito Bruno Bauer quando faz considerações sobre o judeu mundano real e não o judeu do *sábado*, isto é, o *judeu de todos os dias* em: “A habilidade de os atuais judeus e cristãos se tornarem livres” quando afirma: “Não busquemos o segredo do judeu na sua religião, mas procuremos o segredo da religião no judeu real”. Qual a base profana do judaísmo? A necessidade *prática*, o *interesse pessoal*. Qual o culto mundano do judeu? A *traficância*. Qual seu deus mundano? O *dinheiro*. Então continuemos! Ao emancipar-se do *tráfico e do dinheiro* e, portanto, do judaísmo real e prático, em nossa época conquistará a própria emancipação. (p. 39).

Para fazer jus à missão que ora acreditam está em processo de legitimação, não é medido esforço, seja físico ou material, arriscam a própria vida muitas vezes no emaranhado de confusões e disputas, seja por espaço, por drogas, dinheiro, enfim, tudo de uma condição sub – humana, de completa anomia social. Mas uma vez reportemo-nos a Marx (2004) em: A relação da propriedade privada quando afirma: “o *trabalhador* tem o infortúnio de ser um capital vivo e, conseqüentemente, com *necessidades*, que em cada momento em que não trabalha perde os seus juros e, portanto, a existência”. O trabalhador produz o capital, o capital produz o trabalhador. (...) o trabalhador só existe como trabalhador a partir do momento em que existe como capital *para si mesmo*, e só existe como capital quando há um

capital para ele. A existência do capital é a sua existência, a sua *vida*, já que este, independentemente dele, determina o conteúdo da sua vida. (p.123).

Todos esses esforços e riscos são, segundo os inquiridos, na tentativa de salvar almas para Jesus, salvar vidas, o intrigante é que em dada resposta foi enfatizado que “os efeitos do Evangelho são detalhes e só a salvação é suficiente”, isso nos faz refletir o modo ou maneira de como são utilizados para abordar essa premissa de forma tão simplista, uma vez que no próprio Evangelho Jesus fala abertamente: “Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” (Jo 8,31-32). Mais uma vez recorro a Marx (2004) quando este diz: “A religião é o suspiro do ser oprimido, o íntimo de um mundo sem coração e a alma de situações sem alma, é o ópio do povo”. E neste momento ou situação continua Marx (2004): “o apelo para que abandonem as ilusões a respeito da sua condição é o *apelo para abandonarem uma condição que precisa de ilusões*. A crítica da religião é, pois a crítica do vale de lágrimas de que a religião é o esplendor”. (p.46).

A questão é tão séria que muitos catadores noturnos do Lixão, chegam pela madrugada exauridos de tantas labutas insalubre e desumanizante dada as condições local, neste momento só lhes resta o asseio precário e o “alento”, até pegar no sono, isto é, os programas de televisão, onde são veiculados nesse horário pelas emissoras evangélicas, programas de cunho teológicos voltados para a prosperidade, e não faltam *testemunhos* inusitados e relatos sensacionalistas que semeiam supostas esperanças, até que o espectador adormece na certeza de que poderá adquirir aquele “bem” ou “vir a ter um novo estilo de vida” como a apresentada. Sonhar não paga!!! Para esta situação e outras similares, Marx (2004) traz: “a crítica da religião liberta o homem da fantasia, para que possa pensar, atue e configure a sua realidade como homem que perdeu as ilusões e reconquistou a razão, para que ele gire em torno de si mesmo e, assim em volta do seu verdadeiro sol”. (p.46).

Podemos constatar por fim que tudo que é feito, segundo a fala dos entrevistados é por amor a Jesus e assim vão buscando uma convivência mais humanizada e também institucionalizando as ações, doutrinando, dando sentido a vida das pessoas através da religião e ao mesmo tempo tornando-os participante de um projeto social e religioso. O sentimento de pertencimento começa a fazer e dá

sentido a vida das pessoas e do pastor. Isto é deixado claro quando o drogado larga o vício, o traficante substitui seu objeto de mercado, o alcoolista sai da embriaguez alcoólica e passa a se embriagar com a palavra (só repete). A outra larga a prostituição. O modo de vestir destes personagens também passa por mudanças, ficam mais apresentáveis e, por conseguinte aceitáveis aos olhos de Deus.

As famílias prosperam e muitos dos inquiridos fizeram questão de dizer que melhoraram de vida, não moram mais de aluguel e acrescenta: “Não é acaso, Jesus nunca deu um passo sem pensar um propósito; aonde a palavra chega há uma mudança”. Outros têm planos ainda de até 2019 abrir mais quatro igrejas. Veem isso como melhoria para a comunidade, pois para cada igreja aberta dois bares são fechados. Outros comentários foram feitos a respeito de outros colegas que iniciaram ministérios e deixaram, não perseveraram, quiseram que a mudança em suas vidas acontecesse imediatamente, então passaram ou transferiram seus ministérios para outro(s).

Com os questionamentos pôde-se perceber que a população envolvida “nesses projetos” alienara suas vidas e de suas famílias aos dirigentes, pois o que fazem ou deixam de fazer passa sempre pelo crivo do dirigente, lembrando ainda que este “conhece” a vida pregressa destes seus séquitos fiéis, que são sempre lembrados de onde foram tirados ou em que condição vivia. O sentimento de gratidão/servidão é bem estampado.

Êh Marx (2004), só você para traduzir essa situação: “A religião é apenas o sol ilusório que gira em volta do homem enquanto ele não circula em torno de si mesmo” (p. 46).

Mas também podemos ir a Durkheim (1989), quando este em Objeto da Pesquisa – Sociologia religiosa e teoria do conhecimento, afirma: “Não há, pois, no fundo, religiões que sejam falsas. Todas são verdadeiras a sua maneira: todas respondem, ainda que de maneira diferente a determinadas condições da vida humana. Não é possível dispô-las segundo ordem hierárquica”. (p.31). E ainda: “a religião é a coisa mais eminentemente social. As representações religiosas são representações coletivas que exprimem realidades coletivas”. (p.38).

Por fim, esta é uma pequena amostra da Cidade Estrutural a partir deste Estudo de Caso, que se por ventura fôssemos em “águas mais profundas” teríamos mais a desvendar e porque não apresentar, mas devido à delimitação da área estudada associado à disponibilidade de tempo para trabalho/curso/pesquisa foi possível apenas o que está às mãos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A Cidade Estrutural ao contrário de tantas outras cidades vem num crescente populacional, que apesar de toda a sua peculiaridade não tem encontrado preconceito naqueles que a buscam como morada. Esta afirmação pode ser comprovada nos dados recentes do PDAD-2015, em que a Cidade Estrutural aparece como a terceira cidade que mais cresce no Distrito Federal, com percentual de 3,214%.

As causas desse crescimento nos leva a várias justificativas, dentre elas a proximidade do Plano Piloto associado à especulação imobiliária; outra é a dificuldade que o GDF está impondo através de fiscalização acirrada nas terras públicas, impedindo assim novas invasões.

Com este crescimento os problemas, principalmente os ambientais tendem a aumentar e na tentativa de equacionar ou amenizar esta problemática o GDF tem realizado desapropriações no local, mas estão sempre surgindo outra “invasão local”, isto é, os desapropriados migram para outras áreas na Cidade Estrutural.

Apesar deste crescimento percebeu-se que o perfil da população permaneceu praticamente o mesmo, tendo apresentado uma elevação de quase 3% no grau de escolaridade superior, ou terceiro grau, mas em contrapartida o número de analfabetos cresceu na mesma proporção, como o ensino médio e o fundamental incompleto. A ocupação laboral continua predominando a dos Serviços gerais.

A predominância na origem dos moradores permaneceu a mesma, havendo um aumento para os provenientes do Piauí e Bahia e um leve declínio para os provenientes do Maranhão e Goiás que são: Águas Lindas, Alexânia, Cidade Ocidental, Cristalina, Cocalzinho, Valparaíso de Goiás, Padre Bernardo, Luziânia dentre outras. Entendidos como Periferia Metropolitana de Brasília ou popularmente conhecido como Entorno.

Constatou-se através do PDAD-2015, alteração nas confissões religiosa, ou seja, uma queda no quantitativo de pessoas no grupo de evangélicos tradicionais 10,63% e um acréscimo na confissão pentecostais 11,88%. A frequência religiosa

apresentou alteração também nas suas práticas regulares, ou seja, passou de 49,94% para 80,08%, o mesmo se deu nos eventuais que desceu de 38,23% para 10,42%. Como está demonstrado no gráfico.

O que justifica essas mudanças/alterações? A resposta possível pode ser encontrada nas Afinidades Eletivas de Weber. A satisfação material, espiritual e até social, pelo que foi ouvido nas conversas e constatado *in locu* ao longo do estudo demonstraram que a liderança pentecostal está em ascensão, pois tem sabido o que e como ofertar. Pelo visto as confissões tradicionais terão que repensar sua forma de “evangelizar”.

Nesse microcampo estudado, os pentecostais foram claros e objetivos nos seus projetos e até mesmo na *visão* quando foram unânimes em afirmar que o local era propício para a instalação de suas igrejas.

O que pode está proporcionando a proliferação destes segmentos no local é a forma como eles trabalham, ou seja, sem competição aparente, nem tensões ou medos, práticas inerentes a todo campo, seja político ou religioso, segundo Bourdieu. No caso deste grupo, é o inverso, há apoio, e incentivo entre os dirigentes que em nenhum momento afirmaram estar ali por designação de qualquer pessoa (pastor) ou instituição (Igreja), pelo contrário são dissidentes que decidiram abrir sua própria igreja.

Pelo que se observa no resultado da PDAD 2015, tem dado certo o trabalho que eles se propuseram a realizar, pois “arregaçaram as manga” foram à luta (ou estão nela), como afirma Marx (2004): “o *trabalhador* tem o infortúnio de ser um capital vivo e, conseqüentemente, com *necessidades*, que em cada momento em que não trabalha perde os seus juros e, portanto, a existência”. O trabalhador produz o capital, o capital produz o trabalhador. (...) o trabalhador só existe como trabalhador a partir do momento em que existe como capital *para si mesmo*, e só existe como capital quando há um *capital para ele*. A existência do capital é a sua existência, a sua *vida*, já que este, independentemente dele, determina o conteúdo da sua vida.

O campo religioso da VE continua vulnerável e suscetível, haja vista a resposta da pesquisa em relação ao quantitativo dos sem religião que teve um leve

crescimento 0,07%, e os que estão em dúvida 0,10%, pode-se associar a estes os frequentadores eventuais que são 10,42%, que talvez não tenha certeza se a religião que frequenta seja a que deva seguir ou não.

O segmento católico obteve um modesto crescimento de 1,18%, que pode ser justificado pela nova paróquia instalada na Cidade associado às práticas de piedade popular instituídas nas suas atividades e quem sabe responsável pelo resgate dos católicos tradicionais e simpatizantes destas vivências onde nelas conseguem encontrar ou dá sentido para sua fé.

Os confrontos e tensões apresentados ao longo desse estudo se deram no segmento católico, que embora e apesar não houve registro de perdas, mas acréscimos no número de fiéis, com isso fica a pergunta: e se as paróquias ao invés de competirem, somarem os esforços para evangelização, será que a adesão de adeptos não seria maior? As pesquisas têm provado que sim, através dos pentecostais.

No período do estudo foi constatado que há uma convivência pacífica entre todos esses segmentos e na Cidade Estrutural como um todo. A troca ou mudança faz parte do cotidiano da vida das pessoas que lá residem, por isso não se discrimina, nem rejeita, mas, acolhe e celebra quando se escolhe ou é escolhido. Isto no meio pentecostal. Até as igrejas quando fecham, ou são vendidas, arrendadas, seja o que for às negociações acontecem entre eles, mas antes há sempre um incentivo a perseverança e estímulo para que não desista.

Os contatos realizados foram o mais amistoso possível, o que provocou espontaneidade e veracidade nas conversas para obtenção daquilo que me propunha: respostas as inquietações. Ao longo do estudo percebi não haver problema, pois para estes segmentos e seus dirigentes tudo é solução para a vida das pessoas que eles catam nas ruas, sarjetas e no submundo, ou seja, o ambiente é propiciador para o que eles desejam, objetivam.

Por fim e na tentativa de concluir este estudo percebi que os segmentos na pessoa de seus representantes são movidos pela lógica que orienta a missão deixada por Jesus: “Ide pelo mundo e evangelizai” (Mc 16,15); “Vinde após mim; eu vos farei de vós pescadores de homens” (Mc 1,17), e assim vão à procura, “pescar”

homens e mulheres para restituir-lhes a dignidade e a liberdade a partir da evangelização.

A atitude deles corresponde à essência do cristianismo no momento em que saem para acolher o irmão não importando onde este esteja: longe da família, pois deixara o lar para gozar a vida, mas agora é a vida que está abusando dele; saindo de casa em busca de liberdade, mas se tornou escravo das circunstâncias; encontrando-se à margem da sociedade, no lixo da vida em pleno confronto existencial do qual ninguém escapa quando se consome ou experimenta de tudo, levando uma vida orientada pela: drogadição, promiscuidade, alcoolismo, dentre outros vícios.

Os desejos, prazeres e apetites se esgotaram se descobrindo numa terra estranha: a terra da fome, da solidão, do anonimato e da culpa. Um vazio angustiante no fundo da alma, que não há nada que possa preenchê-lo. Carrega ainda um sentimento horrível de uma vida sem significado, sem objetivo ou razão para viver e ainda uma sensação de sujo, miserável, acabado, “um sem jeito”, “um desvalido”.

É neste momento, nesta situação que ele é acolhido, confortado, aceito e convidado a mudar de vida e deixar para trás o estado e a condição que se encontra naquele momento, ele apenas ouve o convite: “filho venha que Jesus o aguarda, Ele lhe aceita assim mesmo como você está: sujo, imundo, traga seus vícios, seus traumas; filho levanta-te, volte para casa como estiver”. Faz lembrar Berger (1985), quando afirma: “embora a religião tenha uma tendência intrínseca para legitimar a alienação, há também a possibilidade de que a desalienação possa ser legitimada pela religião em casos históricos específicos”.

O que acordou o filho pródigo assim como faz acordar qualquer pessoa não é o frio, a fome ou a solidão, mas o amor de Deus. O amor do Pai é um ímã irresistível. É Deus que quer salvar o homem. E o faz onde, como e da maneira que quiser.

Dessa forma retorno a Durkheim quando afirma: “não há religião que sejam falsas. Todas são verdadeiras a sua maneira: todas respondem, ainda que de maneira diferente a determinadas condições de vida humana (...) a religião é a coisa

mais eminentemente social. As representações religiosas são representações coletivas que exprimem realidades coletivas”.

BIBLIOGRAFIA

- BERGER, Peter. O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião. Trad. José Carlos Barcelos. São Paulo, 1985.
- BIANCO, Gloecir. Religare-Identidade, Sociedade e Espiritualidade- Italianidade na Gênese do Pentecostalismo Brasileiro. 2006.<http://religare-religare.blogspot.com/2006/07/italianidade-na-gnese-do_10.html> Acesso em: abril/2015.
- BÍBLIA de Jerusalém, 4.ed. SP: Paulus, 2006.
- BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectivas, 1998.
- BURSZTYN, Marcel. No meio da rua: nômades, excluídos, viradores. Ed. Garamond Ltda. Rio de Janeiro, RJ Brasil. 2000.
- CANCIAN, Renato. Religião: O papel que as crenças religiosas desempenham na vida social Renato Cancian, Especial para a Página 3 Pedagogia & Comunicação. Em 25/04/2007 <http://educacao.uol.com.br/>> acesso em: abril/2015.
- DIDAKÊ: o catecismo dos primeiros cristãos para as comunidades de hoje. 14. Ed. SP: Paulus, 2007.
- DURKHEIM, Émile. As formas elementares da vida religiosa. Tradução Joaquim Pereira Neto. São Paulo: Paulinas, 1989.
- HERVIEU-LÉGER, Danièle, 1947 – O peregrino e o convertido: a religião em movimento; tradução de João Batista Kreuch. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- LEMONS, Carolina Teles. Religião e Tecitura da vida cotidiana. Goiânia: Ed. PUC Goiás, 2012.
- LÖWY, Michael. Sobre o conceito de “afinidade eletiva” em Max Weber. PLURAL, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 129-142, 2011. Acesso em: abril/2015
- MARX, Karl. Contribuição a crítica da filosofia do direito de Hegel. In Marx,Karl. Manuscritos econômicos e filosóficos. São Paulo: Martins Claret, 2004.
- MARX, Karl. A questão judaica. In Marx, Karl. Manuscritos econômicos e filosóficos. São Paulo: Martins Claret, 2004.
- MÉKSENAS, P. Aspectos metodológicos da pesquisa empírica: a contribuição de Paulo Freire. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá – PR, ano VII, n. 78, Nov.

2007. Disponível em <http://www.espacoacademico.com.br/078/78Méksenas.htm>. acesso em: 30 jan 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. 23 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

PAULO VI. "Evangelii Nuntiandi": exortação apostólica sobre a evangelização no mundo contemporâneo, 20. Ed. SP: Paulinas, 2008.

THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. "Max Weber e a ética nas organizações: cinco hipóteses sobre a cultura e a moral a partir de conceitos de Max Weber." Revista de Administração Pública 31.2 (1997): 5-21. Acesso em abril/2015.

WEBER, Max. Economia e sociedade. Brasília: UNB, 1991, Vol. 1.

Anexos

Policiais vão a júri após 17 anos do massacre na Estrutural

1 ano atrás

[Partilhar no Facebook](#)

[Tweet no Twitter](#)



Diz o ditado que a Justiça tarda, mas não falha. Dezesete anos depois, o episódio sangrento que marcou uma das cidades mais carentes do DF, a Estrutural, vai a limpo. Na próxima semana, 11 policiais militares suspeitos de envolvimento na morte, ou melhor, no massacre dos moradores da região, em 1998, vão a júri popular.

O tempo não conseguiu apagar o que foi considerado o maior período de tortura e perseguição de uma comunidade local. Pelo contrário, nas ruas estreitas e muitas ainda não asfaltadas da Estrutural, a chacina permanece viva na memória dos que sobreviveram à Operação Tornado.

O julgamento dos policiais militares está marcado para a próxima semana (entre os dias 24 e 28), a partir das 9h. O senador Cristovam Buarque, governador do Distrito Federal na época, não comparecerá à sessão.

Réus

Entre os réus estão Luiz Henrique Fonseca Teixeira, Carlos Chagas de Alencar, Rodrigo Moreira de Souza, Wolney Rodrigues da Silva, Antônio da Costa Veloso, Francisco Alves de Lima, Vangelista Pereira de Souza, Cássio Marinho, Marcio Serra Freixo e Eduardo Araújo de Oliveira. Eles serão julgados pelas mortes de Luciano Pires Aquino e Milton de Sá, e tentativa de homicídio de Roberto José dos Reis Filho, conhecido como Azul ou Azulão. O 12º policial, Daniel de Souza Pinto Júnior, que também seria julgado, morreu este ano.

O advogado da comunidade e, em específico, de Roberto José Filho, o Azul, que hoje está protegido pelo Ministério Público do Distrito Federal e Territórios (MPDFT), Ennio Ferreira Bastos explica que o senador Cristovam Buarque poderia escolher local, dia e horário marcado com o Juiz, mas não o fez.

“Como um homem público, ele tinha obrigação de esclarecer os fatos. Além disso, Cristovam Buarque era governador na época e, portanto, o líder. Ele está fugindo desse julgamento”, afirma o advogado Ennio Ferreira.

Memória

No dia 6 de agosto de 1998, durante uma operação da Polícia Militar, o soldado Rubens Gomes de Faria, 32 anos, foi atingido por disparo de arma de fogo e morreu na Estrutural. Dois dias depois, a PM fez operações na área. Segundo o advogado Ennio Ferreira Bastos, a polícia alegou que era uma operação de desarmamento e pela proximidade do lixo, mas a ação também promoveu derrubada de barracos. “Essa operação de desarmamento foi uma desculpa para começar a retirada dos moradores”, afirma Ennio.

Cenário político em 1998

Governador do Distrito Federal em 1998, Cristovam Buarque tinha tudo para se eleger na época. Dono de uma grande popularidade nas cidades satélites, o atual senador, no entanto, perdeu para o candidato Joaquim Roriz no mesmo ano.

Naquela altura, as imagens das ações policiais na Estrutural já tinham ganhado força em todo o DF.

Guerra iniciou com mudança dos moradores

Segundo o advogado Ennio Ferreira Bastos, a Operação Tornado começou em agosto de 1998, quando toda a comunidade foi transferida da antiga Estrutural, onde, hoje, é a Cidade do Automóvel, para se instalar no endereço atual. O problema foi quando o governo decidiu, mais uma vez, remover os moradores de lugar.

“Ao transferir a comunidade, o governo assinou um termo de acordo com todo mundo. Portanto, os moradores não podiam ser removidos de novo. Aquela área não era uma invasão, era um assentamento”, ressalta Bastos.

A comunidade não aceitou ser transferida novamente, o que deu início a uma guerra contra a PM e o governo. “Os moradores começaram a ser retirados à força, e as derrubadas eram constantes. Vários foram mortos, e muitos corpos ficaram desaparecidos”, completa.

Nem o tempo apaga

Na época, o cenário era semelhante ao de um campo de concentração nazista, como lembra o advogado. A cidade foi cercada. Ninguém entrava ou saía livremente. Não havia água, luz, telefone, gás. A alimentação era restrita, inclusive, o leite das crianças, como conta um morador. As pessoas não podiam levar móveis ou utensílios de casa, além de serem presas em jaulas. À noite, pedidos de socorro, gritos e tiros eram a trilha sonora.

Memória não esquece o sofrimento

Quase 20 anos depois, o coordenador da cooperativa Sonho de Liberdade, Fernando de Figueredo, 43 anos, morador da cidade desde a fundação, detalha o massacre. Fernando, assim como toda a comunidade, foi obrigado a deixar a antiga Estrutural para o endereço atual, onde a chacina aconteceu.

“Nós fomos enganados desde quando o governo nos transferiu para onde, atualmente, é a Estrutural, alegando que a área da Cidade do Automóvel era de preservação ambiental. Mas, assim que desocupamos, o local foi tomado pelos empresários”, explica Fernando.

Na época, Fernando tinha duas filhas e trabalhava como catador de lixo. Ele lembra a luta pela sobrevivência da sua família e de amigos. “A gente não tinha sossego. Éramos tratados como animais. Toda hora tinha uma derrubada, e os moradores

eram expulsos. Vi muitas pessoas serem mortas e torturadas, inclusive, conhecia o Azulão. A única coisa que a gente queria era um barraco para viver”, completa.

O medo, acrescenta o coordenador, era um sentimento compartilhado por todos. No entanto, muitos moradores, mesmo apavorados, enfrentaram a PM. Esse não foi o caso de Fernando. “Eu só não fui torturado porque fugia quando a polícia aparecia. Eu não enfrentava por causa dos meus filhos, mas tive vários amigos que ficaram machucados e perderam os membros com tiros de bala de borracha e bombas de gás. Eles faziam um verdadeiro terrorismo com a gente”, relata.

Ele acrescenta o comportamento da polícia: “Eu nunca vou esquecer quando o major da PM chegou aqui dizendo que ele era acostumado a acabar com favela no Rio de Janeiro e que a Estrutural ia ser fichinha para ele”, lembra.

Quem também guarda na memória os momentos de tensão que viveu em 1998, é Paulo (nome fictício), que preferiu não se identificar depois da crueldade que presenciou na Operação Tornado. “Muita gente foi morta e espancada, mas o pior era a tortura psicológica. Eu saía para trabalhar, mas não sabia se ia encontrar minha esposa grávida e a minha filha de dois anos no fim do expediente”, destaca.

O que diz o senador Cristovam Buarque

Questionado a respeito da Operação Tornado, o senador Cristovam Buarque confirmou que não vai poder comparecer ao julgamento dos policiais.

Ele destacou que espera a decisão da Justiça sobre o caso. “Vamos aguardar o que a Justiça tem a dizer. Quem é culpado tem que pagar pelo o que cometeu”, afirma o senador, alegando que “a Operação Tornado não teve nada a ver com o governo”. Segundo Cristovam, a operação era uma ação “paralela”.

“Um livro de drama”

Paulo (nome fictício), um dos sobreviventes do massacre, afirma que a comunidade aprendeu que não há conquistas sem lutas. “Mesmo sendo um capítulo muito triste, ele faz parte da história da Estrutural. Daria para escrever um livro de drama. Hoje, quando olho para a minha cidade vejo que todo o sofrimento valeu a pena. A comunidade merecia esse julgamento, mas o desfecho não vai apagar nunca o que aconteceu aqui”, garante ele, informando que o cenário começou a melhorar quando Joaquim Roriz assumiu o governo no mesmo ano.

Há 22 anos na Estrutural, o serralheiro Renato de Souza Paula, 54 anos, que também se diz vítima da operação, comenta o julgamento do caso na próxima semana: “A maior justiça é a de Deus. Na minha opinião, o Cristovam também tinha que ser julgado, ele era o mandante. Mesmo assim, o fato de os policiais pagarem pelo que fizeram já é alguma coisa”, afirma Renato, contando as dificuldades que passou.

“Criei meus dois filhos na Estrutural e tenho orgulho disso. Na época do massacre, a gente não tinha direito a nenhum serviço básico, até conta bancária eu fui proibido de abrir”, conclui Renato.

A história de Roberto José dos Reis Filho, o Azul, ganhou repercussão não por acaso. No despacho do processo que levou os réus a júri popular a partir da próxima segunda-feira, uma das passagens detalha que cenas gravadas em uma fita de vídeo mostra o Azul sendo “conduzido por homens à paisana”.

De acordo com o advogado do Azul, Ennio Ferreira Bastos, ele teria sido baleado e depois enterrado ainda vivo. “Ao recuperar os sentidos, o Azul percebeu que tinha sido enterrado e foi socorrido por um caminhoneiro”, acrescenta Ennio Ferreira.

Como funciona o júri popular

O corpo de jurados, selecionado para participar do julgamento dos 11 policiais, é composto por sete pessoas, esclarece o advogado Ennio Ferreira Bastos. De acordo com ele, a lista de jurados é sorteada, anualmente, pelo presidente do Supremo Tribunal de Justiça (STJ) entre os idôneos e eleitores do DF.

Diante disso, todos os réus serão interrogados. As testemunhas de defesa e acusação também serão ouvidas. Em seguida, haverá debates. Por fim, os sete jurados vão votar a respeito do caso para definir a situação dos militares. “Todo crime contra a vida é julgado pelo Tribunal do Júri, ou seja, quem decide é a sociedade”, completa Ennio.

Saiba mais

Segundo o depoimento de um morador, a praça central da Estrutural, onde, hoje, é uma escola pública, funcionava como ponto de encontro da comunidade para definir as próximas batalhas contra a Polícia Militar.